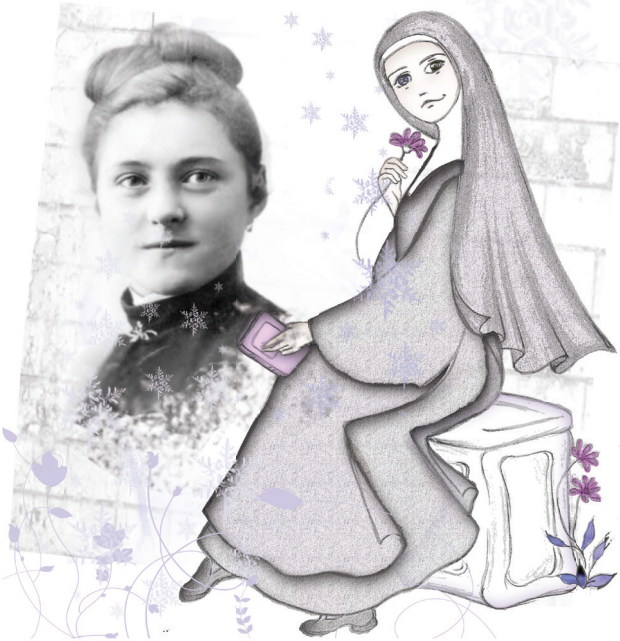
Adelita Maria Rozetti Frulane

Teresinha do Menino Jesus,

A Garota

Mais Popular do Mundo Inteiro



Canção Nova
EDITORA

Direção Geral: Márcio Pereira
Editora: Daniela Costa Miranda
Revisão: Tatianne Aparecida Francisquetti e Patricia B. de Almeida
Texto, Design e Ilustrações: Adelita Maria Rozetti Frulane
Supervisão Design: Roberto Moreira
Gerência: Priscila Abreu

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Primeira Edição: 1999
Edição Atualizada: 2014

EDITORA CANÇÃO NOVA
Rua João Paulo II, S/N Alto da Bela Vista
CEP: 12630-000, Cachoeira Paulista - SP
Telefone (12) 3186-2600
E-mail: editora@cancaonova.com
Twitter: @editoracn

Todos os direitos reservados.
ISBN: 978-85-7677-415-0

© EDITORA CANÇÃO NOVA, São Paulo, SP, Brasil, 2014

Oi

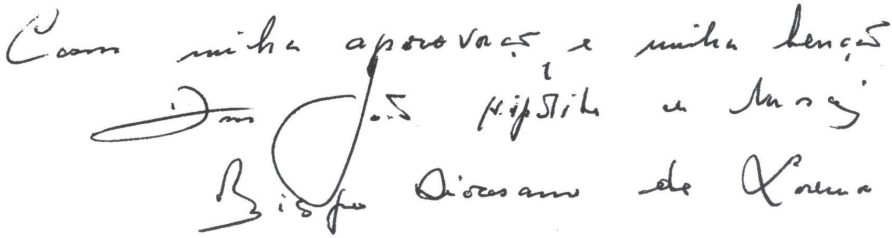
Quando eu estava em casa, grávida de meu primeiro filho, em 1999, fiquei uns 2 meses sem poder sair da cama, então resolvi me dedicar à pesquisa, texto e desenhos desse livro.

Espero que você encontre uma amiga em Santa Teresinha como eu encontrei quando, aos 15 anos, ganhei de presente o livro "História de Uma Alma" e, com ela, descubra o quanto Jesus te ama.

Adelita

Ofereço esse livro ao nosso amado Papa Francisco, que também é amigo de Santa Teresinha.

O querido, então Bispo da Diocese de Lorena-SP, Dom João Hipólito de Moraes (que hoje já está no Céu) leu esse livro quando eu o escrevi e deixou esse recadinho tão importante...



Sou Teresa

Sou Teresinha, aquela do Menino Jesus. Tenho muitos amigos no Brasil. Hoje moro no Céu e vou lhe contar um pouquinho de minha história. Para isso, vamos viajar até a França, na cidade de Alençon, onde nasci. Venha comigo...

O dia em que nasci

É dia 2 de janeiro de 1873 e faz muito frio. Nesta época do ano até neva na França. Estamos numa cidadezinha chamada Alençon, na rua Saint-Blaise, vamos até a casa da família Martin, a minha casa. Nela moram Maria Luísa, de 13 anos, Maria Paulina, com 11 anos, Maria Leônia, de 10 anos e Maria Celina, de apenas 3 anos.

As três mais velhas andavam de um lado para outro, como formigas em dia de chuva, mas Celina não entendia bem todo aquele movimento e foi dormir, pois não quis esperar acordada. No entra e sai, sobe e desce de escada das meninas, papai foi dizendo: "Mas por que tanta agitação, minhas filhas?" Elas responderam: "Vimos a parteira subir as escadas para o quarto da mamãe... Chegou a hora, papai? O bebê vai nascer?"

O tempo foi passando e minhas irmãs foram mandadas para a cama. Só às onze e meia da noite é que ouviram um chorinho... Era eu. Nasci! Papai abriu a porta do quarto das minhas irmãs e, com um sorriso de orelha à orelha, foi dizendo: "Minhas filhas, tendes mais uma rainhazinha!" A partir daí, para o papai passei a ser a rainha, assim como ele chamava Maria de meu diamante, Paulina de pérola fina.

Mamãe orou, como sempre fazia quando nascia um filho seu: "Senhor, concedei-me a graça de que ela vos seja consagrada e de nada vir a manchar a pureza de sua alma. Se há de perder-se um dia, prefiro que a leveis imediatamente para o Céu".

Ela teve que ter muita coragem para orar assim, já que quatro dos seus filhos já estavam no Céu: dois meninos e uma menina que foram para lá ainda bebês e a Heleninha, que tinha 5 anos quando morreu.

A linda neve caía lá fora e eu, bem alimentada e enrolada num cobertor, ouvi do colo da mãe uma cantoria vinda da rua... Talvez por isso que sempre gostei de neve e música. Era a voz de uma criança cantando assim: "Sorri, cresce: a aventura te chama com ternura, amor, carinhos mil. Sorri à luz da aurora, botão que abriste agora serás rosa gentil!" ♫♪

Papai

Mamãe

Todos correram para a janela e lá estava o pequeno cantor, um menino, filho de um pobre homem que um dia papai encontrou a tremer de frio na porta da prefeitura, com toda a família. Mamãe deu a eles roupas e comida, e papai conseguiu um emprego para o homem. Desde então são nossos amigos... Foi assim que vim ao mundo: cercada de amor por todos os lados.

Teresa ou Francisca ?

Meu mundo em Alençon tinha o tamanho que eu conseguia enxergar: a prefeitura que dava para ver da sacada de nossa casa, nossa rua cheia de árvores e folhas, a calçada e a Igreja de Notre-Dame, onde fui batizada no dia 4 de janeiro, com dois dias de vida, pelo Padre Lucien Dumaine, com o nome de Marie Françoise Thérèse, em português, Maria Francisca Teresa. Minha irmã mais velha, Maria Luiza, foi a madrinha e meu padrinho foi um amigo do meu pai chamado Paulo Alberto Boul, que tinha a mesma idade de Maria.

Em 14 de janeiro dei o meu primeiro sorriso à mamãe e tudo parecia bem, mas, de repente, sem mais nem menos, comecei a ficar doente. Mamãe escreveu para minha tia: "Vejo nela os mesmos sintomas da doença dos outros filhos que morreram . Terei que ficar sem ela também? Estou numa verdadeira angústia, não durmo mais que duas horas porque estou constantemente aos pés da pequena" .

O médico disse à mamãe que eu não duraria mais de 48 horas. Foi então que uma tia, a irmã da mamãe que era freira, lembrou-se de pedir a intercessão de São Francisco de Sales: "Se a nenêm melhorar, vamos chamá-la só de Francisca, em homenagem ao santo" .

Minha mãe pensava: "Eu só a chamarei de Francisca se perder todas as esperanças!" Teresa era o nome da minha última irmãzinha que morrera. Mamãe amava esse nome. São Francisco de Sales não fez caso, melhorei e todos passaram a me chamar como mamãe gostava: Teresinha!

Mamãe

Mamãe já tinha 41 anos quando nasci. Parecia cansada e papai andava preocupado. Pudera! Com aquela dor no seio que a impedia de amamentar... Mamãe escreveu para minha tia: "Se Nosso Senhor me concedesse a graça de poder amamentar, que prazer seria para mim!"

Um dia voltei a ficar mal e o médico disse que só o leite materno poderia me salvar. Papai não estava em casa e não havia como avisá-lo, pois naquela época não existia telefone. No outro dia bem cedinho, mamãe caminhou duas léguas até a casa da senhora Rosália Taipé, que estava amamentando seu filhinho, para pedir que repartisse seu leite comigo. Mas eu estava muito fraquinha para querer mamar, então mamãe ajoelhou-se em frente à imagem de São José e, chorando, implorou: "Meu querido São José, eu te peço que cure o meu bebê. Mas se essa não for a vontade de Deus, eu aceito que a leve".

Fiquei uns 15 dias como morta, mas Deus não me levou: de repente voltei a respirar, abri os olhos e sorri. Tive que ficar morando com a tia Rosinha no seu sítio em Semanal até abril do ano seguinte, quando já estava bem forte. Imagine a alegria de minha mamãe quando voltei, ela estava tão feliz comigo e tudo o que eu fazia era motivo de graça. Certo dia mamãe foi à missa; como tinha costume de sair de casa às cinco e meia da manhã, me deixou dormindo em sua cama. Eu tinha lá meus oito meses e ainda morava com tia Rosinha, só estava passeando em nossa casa .

O Anjo

Todas as vezes em que mamãe me colocava em sua cama, puxava meu berço para perto para que eu não rolasse e acabasse caindo. Mas naquele dia se esqueceu de fazer isso. Quando voltou, não me encontrou na cama. Mamãe ouviu um grito, olhou ao redor e me achou dormindo sentada em uma cadeira, com o travesseiro no colo e a cabeça sobre ele. Pensou:"É impossível ter ido parar lá sozinha". Mamãe teve certeza de que eu iria cair no chão, mas meu anjo cuidou de me segurar e colocar na cadeira. Ela pedia todos os dias aos nossos anjos e às almas do purgatório por nós quando saía para trabalhar.

O trabalho de mamãe

Mamãe tinha um fábrica de rendas caseiras na qual trabalhava com oito rendeiras. Papai admirava o trabalho que elas faziam e, quando tinha um tempinho na relojoaria, ajudava a escolher os modelos, a juntar as tiras de renda, alinhando-as com pontos muito bem-feitos. Todos os dias, antes de começar o trabalho, iam à missa pedir que o Senhor os abençoasse. Se alguém estivesse doente e faltasse ao trabalho, mamãe tirava uma horinha para lhe fazer uma visita. Mamãe não gostava de atrasar nem um dia o pagamento dessas moças. Ela sempre repetia para minhas irmãs esta passagem da Bíblia: "Não atrase o pagamento de quem trabalha para você. Pague sem demora, e se você estiver sendo justo, Deus o recompensará" (Tobias 4,14).

Uma vez papai contou à mamãe: "Soube de uma viúva com quatro filhos, o menorzinho só tinha 2 anos. Ela sustentava a família costurando para senhoras, mas estas recebiam as encomendas e esqueciam de pagar o que deviam. A pobre mulher trabalhava o dia inteiro sem parar, mas não ganhava para alimentar os filhos,

por isso ficava sem comer, tanto que acabou doente e morreu, vítima de suas clientes devedoras". Papai terminou a história com lágrimas nos olhos, porque era um homem muito justo. Costumava dizer: "Não podemos segurar com a gente um dinheiro que devemos, ou um salário que é de alguém. Nem gastar mais do que temos condições".

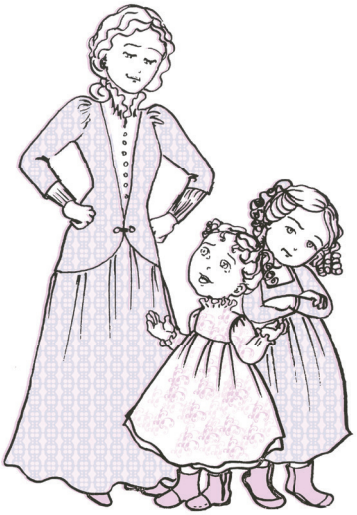
A escada

Você já viu uma criança bem chiclé, um grude mesmo, que aonde a mãe vai, quer ir também?
Para falar a verdade, eu era assim aos dois anos: se mamãe fosse para o jardim, eu ia também. Se entrasse em casa, lá estava eu. O dia todo corria alegre atrás dela, pulando pela casa toda. Se minhas irmãs tentassem impedir, armava um berreiro do tamanho do mundo.

Em casa havia uma escada, os degraus me pareciam enormes e ir para os quartos era um desafio. Por isso, cada vez que precisava subir um degrau, chamava de lá: "Mamãe!" Quantos degraus subia, tantas vezes mamãe respondia: "Sim, minha filha!" Minhas irmãs achavam graça em me ver atrás da mamãe. Podemos fazer o mesmo com Nossa Senhora: em tudo ter certeza de que ela está por perto, principalmente quando chamamos: "Mãe!"

Um dia, quando eu tinha menos de dois anos, minha mãe perguntou: " Pequena criança de cabeça loira, onde pensa que Deus está?" Eu respondi: "Ele está lá!" E apontei para o céu azul! Todos, então, me fizeram mil vezes a mesma pergunta, de tão bonitinha que acharam a minha resposta. Mamãe dizia: "Há alguma coisa de tão celestial em seu olhar que ficamos encantados!"

Cartas para Paulina



Mamãe vivia escrevendo para minha irmã Paulina, que morava no colégio onde estudava, contando minhas travessuras. Foi por causa dessas cartas que fiquei sabendo uma porção de coisas sobre minha infância, como: "Querida Paulina, ainda não completou dois anos e já fala quase tudo, reza como um anjinho e canta pequenas musiquinhas... Teresa escapou e disse que estava indo à missa... Está com gripe... Só tem dois anos e diz que quer ser religiosa". Em uma dessas cartas que mamãe escrevia sobre mim disse que, quando eu tinha quase 3 anos, ela e todos de nossa casa se admiravam com minhas franquezas, porque eu falava sempre a verdade.

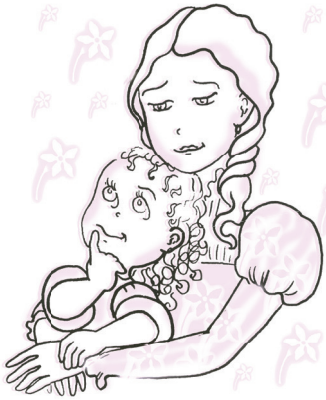
Mamãe escreveu que uma vez corri até ela para fazer uma confissão, quase chorando: "Mamãe, dei um empurrão na Celina e bati nela uma vez, mas prometo não tornar a fazer!"

As coisas do céu

Sempre achei que quando a gente ama alguém, deseja-lhe as melhores coisas. Como ouvi falar do Céu, de como tudo por lá é lindo, mais do que tudo o que a gente já viu aqui, tive uma ideia, corri para o colo da minha mãe e disse-lhe: "Pobre mamãe, quem me dera que morresse!" Ela, para minha surpresa, pareceu não gostar muito da ideia, então lhe expliquei: "Eu quero que a senhora vá para o Céu! Ah... O Céu! A senhora não disse que é preciso morrer para ir para lá?" E vivia desejando a morte para todos que amava.

Já tinha uns três anos quando falei: "Mamãe, será que eu vou para o Céu?" Ela respondeu: "Irá se for boa". E eu: "Então se for má irei para o inferno? Mas neste caso bem sei o que fazer: de roo ia ter contigo no Céu, me jogava nos seus braços e como é que Deus faria para me tirar de lá? Se precisar, a senhora me segura bem forte?" Mamãe viu em meus olhos que eu falava sério; sabia que nada de mal poderia me acontecer se estivesse no colo de minha mãe. Sabem, é a mesma coisa com aqueles que correm para o colo da Mãe de Jesus.

Desde quando éramos pequenas, mamãe nos ensinava a amar Nossa Senhora. Minhas irmãs contavam que, em casa, no mês de Maria, mamãe as incentivava a fazerem um altarzinho para Nossa Senhora em seus quartos. E tinham que ser lindos, com flores e tudo mais, para que mamãe desse uma boa nota.



Papai

Papai não era nenhum garotão, tinha 50 anos quando eu nasci. Porém, possuía um coração de menino, pois aceitava todas as minhas brincadeiras e as de Celina, minha irmã. Quando ele chegava do trabalho era uma festa para mim. Depois que aprendi a andar, corria até ele, sentava em uma de suas botas e ele me arrastava "a cavalo" por toda a casa, pelo jardim, até eu enjoar da brincadeira. Papai me jogava para o ar e me colocava em seus ombros, de onde eu via a sua carequinha.

Mamãe reclamava com papai: "Você faz todas as vontades da menina". Ele respondia: "O que fazer, se ela é a rainha?" E lá íamos nós: seu Louís e sua rainha!

Quando tinha 3 anos, levaram-me para tirar meu primeiro retrato. Era dia 16 de junho de 1876. Depois papai contou em casa: "A rainha fez beicinho para o fotógrafo". Mamãe disse que fiquei com medo dele e por isso não saí na foto com o meu sorriso de sempre.

Meus pais se curtiam muito

Dava pra notar que meus pais se amavam. Minhas irmãs acharam até uma cartinha que mamãe mandou para papai quando ele precisou viajar e ficou alguns dias fora (naquela época o telefone era uma novidade que ainda não conhecíamos e o jeito era se comunicar por cartas mesmo). Mamãe escreveu: "Estou ansiosa por estar perto de ti, meu querido Louís, eu te amo de todo meu coração."

Domingo é dia do Senhor

Papai teve uma relojoaria antes de nos mudarmos para a rua de São Brás, onde nasci. Depois a vendeu para ajudar mamãe com os negócios da fábrica de renda. Na relojoaria, ele mesmo fazia a arte das joias e montava os relógios. Quando solteiro, papai viajou pela França para aprender as técnicas com outros artesãos. Era preciso ser artista para ser um bom relojoeiro naquela época.

Em Alençon, os comerciantes abriam as lojas aos domingos, como fazem hoje os shoppings que você conhece. Queriam atrair os fregueses do interior que vinham passear em nossa cidade e aproveitavam para comprar mantimentos. Como a relojoaria ficava em frente a um comércio desses, de vez em quando batia um freguês à nossa porta querendo comprar uma aliança de casamento ou um presente para alguém. Mas papai respondia a todos com educação: "É o dia do Senhor, só o Senhor será servido". E os outros comerciantes o criticavam: " Assim você perde ótimos negócios". Mas papai respondia: "Prefiro perder boas oportunidades de negócios, mas atrair sobre a minha família a bênção de Deus."

Papai sempre dizia que domingo não era dia para comprar ou vender, porque é o dia do Senhor. Assim íamos todos à missa e passávamos o resto do dia juntos.

O que a sua família faz aos domingos? Se a sua família não vai à missa como a minha, não desanime. Eu sei de garotos que começaram a ir à missa sozinhos e acabaram levando toda a família para a Igreja. Que tal começar por você?!

Minhas irmãs

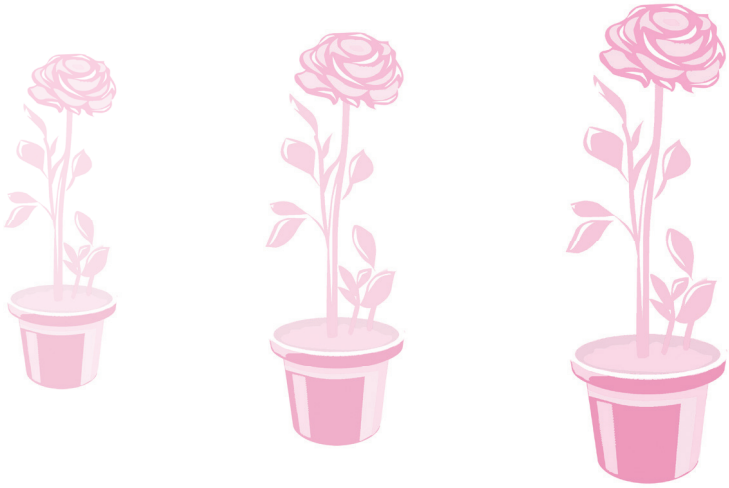
Lembro-me bem de minha irmã Maria Luísa; eu a chamava somente de Maria. Quando terminou seus estudos no Colégio da Visitação, voltou para casa. Maria dava aulas para Celina, que era um pouco maior que eu, todos os dias; naquela época podíamos estudar em casa e depois, se nossos pais resolvessem nos mandar para a escola, era só fazer as provas para ver o que já sabíamos e em que série iríamos entrar para continuar os estudos. Parece legal, mas tínhamos que estudar bastante, para acompanhar as turmas dos colégios.

Para que me deixassem entrar no quarto e participar das aulas, comportava-me o melhor possível e prestava a maior atenção em tudo. Maria, então, me recompensava com presentinhos... Como eu ficava contente! Quando chegou a vez de Celina ir para o colégio, eu ficava chorando, pois não queria largá-la por nada neste mundo.

Como Maria era minha madrinha, me sentia na obrigação de lhe ser obediente. Eu gostava de correr e pular, por isso Maria arrumou muitas contas coloridas, achando que isso iria me sossegar por algum tempo.

Eu passava horas sentada numa cadeirinha fazendo colares e soltando longos suspiros, pois tinha vontade de sair correndo, mas ficava ali quieta. Quando o fio escapava da agulha, tentava ajeitá-lo, quando não conseguia, me saíam duas lágrimas, mas não chamava Maria para me ajudar, pois não queria incomodá-la.

Certa vez, Maria me disse: "Teresinha, não arranque mais as rosas do jardim". Achei, então, que todas as rosas pertenciam a Maria. Mas como eu tinha vontade de arrancá-las! Um dia mamãe quis me dar duas rosas e eu as queria muito, mas me lembrei de Maria e fiquei vermelha: "Mamãe, essas rosas são de Maria". E por mais que ela me explicasse que as rosas eram suas, só pensava que, com as rosas nas mãos, Maria iria pensar que eu tinha sido uma menina desobediente.



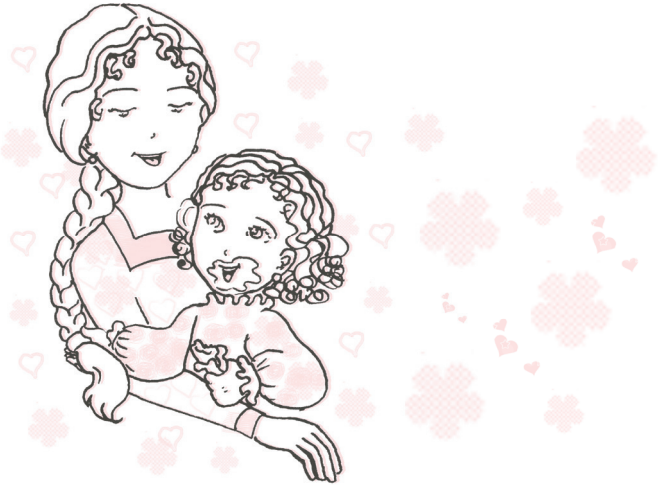
Tinha também a Maria Leônia, que cuidava de mim todas as noites em que a família saía para passear. Acho que ela gostava disso, pois me tratava com muito carinho. Lembro-me das musiquinhas que cantava para eu dormir. Também recordo de sua Primeira Comunhão; ela, toda de branco, entrando na casa paroquial comigo no colo. Achei tão importante. Só que da festa eu não pude participar, porque era muito pequena e tive que ir para a cama, mas papai me trouxe a sobremesa.

A Paulina morava no colégio nesta época. Muitas vezes mamãe me perguntava: "Em que você está pensando?" E eu respondia: "Em Paulina". Já sabia escrever o nome dela e gostava de escrevê-lo na vidraça da sala, olhando lá para fora, na esperança de que aparecesse de repente, pela rua, como fazia nas férias.

Um dia soube por mamãe que Paulina já andava "sonhando acordada" com o Carmelo – é como chamam o Convento onde vivem as irmãs carmelitas – e eu pensava: "Se Paulina quer ser religiosa, também quero!" Achava ela o máximo.

Todas as vezes em que íamos à estação de trem era para buscar Paulina. Por isso, numa quinta-feira à noite em que fomos passear lá perto, assim que vi a estação, gritei de alegria: "Paulina!" Achava que, a qualquer hora em que entrássemos na bendita estação, voltaríamos com minha querida irmã. Quis a todo custo ir até a sala de espera, saí correndo sem que desse tempo de me segurarem, rindo de um jeito que todos também sentiram vontade de rir. Só que voltei chorando sem a Paulina. Tive que esperar as férias. Quando ela chegava era maravilhoso: ia no seu colo, admirava sua trança que tinha crescido mais um pouquinho... Naquele tempo, as moças andavam com tranças e cachos nos cabelos que, quanto mais compridos fossem, mais na moda estavam.

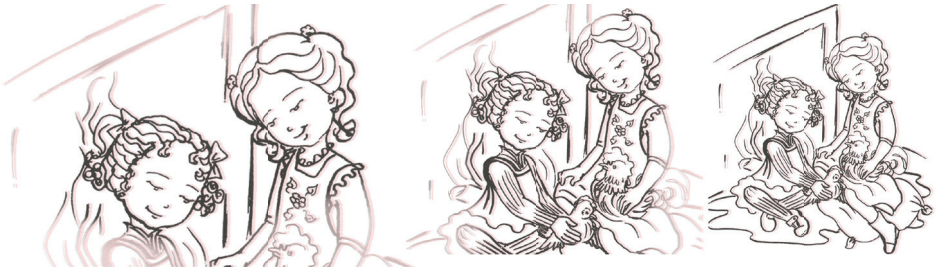
Lembro-me de uma vez em que me trouxe um chocolate... ela o havia guardado por três meses, sem comê-lo para poder me presentear. Sempre gostei de chocolate, principalmente de mousse. Que delícia!!!



Como galinhas brancas

Desde que me conheço por gente, seguia minha irmã Celina por todo lado; nem sabia andar e já queria sair atrás dela. Ela era três anos mais velha, mas quem inventava as artes era eu. Minha mãe disse: "Celina é doce, pura e não faz nada que seja errado". E eu era um "trovãozinho teimoso", mas a gente se dava muito bem. Uma vez ganhei da Rosinha, que foi a minha ama-de-leite, um galo e uma galinha da índia. Dei o galo para Celina. Toda noite, depois do jantar, íamos buscá-los no quintal. Celina agarrava os dois no primeiro pulo e mamãe não entendia como conseguia fazer aquilo.

Ficávamos brincando em frente à lareira, até chegar a hora de ir para a cama.



Eu preferia deixar o jantar sem ter comido a sobremesa a não acompanhar Celina quando ela saía da mesa. Ficava mexendo e remexendo na cadeira alta, em brasas, para ir brincar com ela.

Um dia, a moça que trabalhava lá em casa veio me vestir pela manhã e não me encontrou na caminha. Estava na cama da Celina. Quando ela me descobriu, abracei bem minha irmã e disse: "Deixe-me, minha pobre Luísa. Nós somos como duas galinhas brancas, não podemos nos separar!"

Os anéis de doce

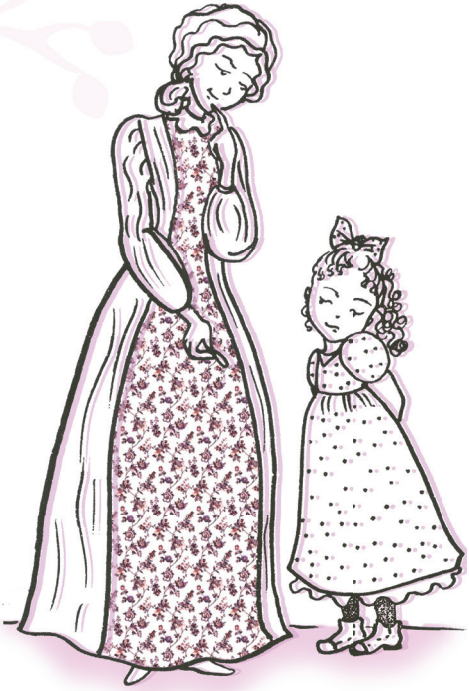
Minha primeira viagem de trem foi para visitar uma tia, que era freira, irmã da mamãe, numa cidade chamada Le Mans. Ela morava no convento da Visitação, que era também uma espécie de colégio interno onde minhas irmãs, Maria e Paulina, estudaram. Acho que eu não gostei muito da viagem, pois chorei de Alençon até lá.

Mamãe teve que me apresentar para os parentes de cara vermelha e descabelada de tanto chorar. Na despedida, ganhei da minha tia, Irmã Maria, um ratinho branco de verdade e uma cesta de papel colorida, cheia de bombons e dois bonitos anéis de açúcar bem do tamanho do meu dedo. Logo falei: "Que bom! Um para mim e outro para Celina!" Mas a tal cestinha não aguentou o "tranco" de balançar de um lado para o outro na mão de uma menina de 3 anos. Quando olhei, cadê os bombons? Estavam quase todos espalhados pela rua, junto com um dos anéis. Disse: "Mamãe, vamos juntar!" Mas ela estava com pressa por causa do trem e nem me ouviu. "Mamãe!" E nada de me dar atenção.

Chorei, até gritei, mas mamãe não parou de me arrastar cada vez para mais longe dos preciosos doces. Puxa! Não conseguia entender como pegar o trem poderia ser mais importante do que o meu motivo.

Olhei para o único anel que sobrou na cesta e pensei: "Agora não tenho mais nada para dar a Celina quando chegarmos". Meu desejo de repartir os doces com minha irmã era sincero, mas você viu como temos, desde criança, essa coisa de querer guardar o que é nosso?

Pensei: "O anel que se perdeu é o da Celina, o outro é o meu". Deve ser por isso que mamãe não voltou para buscá-lo: o bom Deus queria me dar a chance de fazer um verdadeiro gesto de amor por Celina, dando a ela o anel que sobrou, pois o amor verdadeiro, como aquele que Jesus teve por nós na Cruz, não é de graça, custa a gente pensar mais no bem dos outros do que em nós mesmos!



A moeda

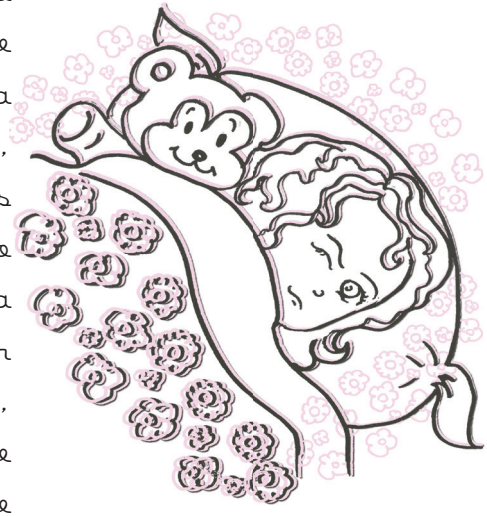
Mamãe também escreveu para minha irmã contando que quando eu dizia "não" para alguma coisa, não voltava atrás. Podiam me fechar num porão escuro o dia inteiro. Era mais fácil dormir lá que me arrancarem um "sim".

Uma vez mamãe, querendo ver até que ponto chegava o meu orgulho, me disse: "Teresinha, eu te dou um moeda se beijares o chão". Para ganhar aquela fortuna, eu não teria que me abaixar muito de minha grandeza, pois da boca ao chão a distância era curta, mas ter que beijar o chão me revoltou. Respondi: "Não, mãe, prefiro ficar sem a moeda". Com isso, mamãe estava apenas me testando, queria ver o quanto a sua Teresa tinha de orgulho para jogar fora, pois mamãe não era acostumada a me dar coisas em troca de outras. Estas eram as razões que mamãe me dava para ser boa: um pecador a converter, Jesus a consolar e o Céu a ganhar.

Aprendi com mamãe que é mais legal querer as recompensas que duram para sempre no Céu, aquelas que Jesus vai dar para quem se esforçar para ser bom, do que pedir brinquedos que estragam e bombons que acabam, em troca de fazer aquilo que os pais pedem. Em casa, minha irmãs e eu obedecíamos nossos pais por amor.

O bom dia

Um dia, bem cedinho, mamãe ia sair, mas resolveu passar antes no nosso quarto. Fingi que estava dormindo, mas minha irmã Maria contou: "Mamãe, olha que está fingindo que dorme! " Por baixo do cobertor vi mamãe se abaixando para me beijar. Não sei o que me deu, arrumei um beiço e disse: "Não quero que ninguém me veja! " Minha mãe não gostou: "Teresa, isto não é jeito de tratar sua mãe! " Doeu meu coração. Ela saiu do quarto e fui atrás. Eu a alcancei antes que chegasse à porta. De camisola e tudo, me joguei de joelhos a seus pés e disse: "Mamãe, fiz uma maldade, me perdoe". Ela me pegou no colo e cobriu-me de beijos. Então eu lhe disse: "Ó mamãe! E se a senhora me enfaixasse como fazia quando eu era pequena? " É que naquela época, acreditavam que os recém-nascidos, para não machucarem a coluna, precisavam ficar enrolados em faixas, duros como cenouras. Mamãe topou a brincadeira e foi buscar meu cobertor. A rir, enrolou-me feito um bebê e tomei meu chocolate quente em seu colo.



O papel de parede

Quando eu fazia alguma coisa que sabia ser errada, não aguentava escondê-la de quem eu amava. Um dia, um cantinho do papel de parede que forrava a sala apareceu rasgado. Minha mãe, que já me conhecia bem, soube quem tinha feito arte quando me viu sentada, quieta, com a cara mais sofrida do mundo. Quatro horas depois, quando ninguém mais lembrava o ocorrido, papai chegou. Morrendo de vergonha, fui até minha irmã Maria e lhe disse: "Depressa, conta ao papai que rasguei o papel".

O balanço

No quintal da minha casa havia um balanço em que eu podia me balançar bem alto, porque ficava preso numa árvore grandona. Papai foi quem o instalou quando eu tinha um ano e meio. Mamãe contou que nesse dia Celina pulou de alegria. Eu me agarrei à corda e não havia como me tirar do tal balanço.

Chegaram a me amarrar nele, para me ver voar dando gargalhadas sem cair. "Mais alto, papai! Mais alto!" Eu pedia. Mamãe ficava aparvorada, mas papai estava embaixo para me pegar. Se não me balançassem bem alto, começava a gritar; mamãe não gostava de me ver assim empoleirada.

Uma vez, eu estava lá brincando quando papai chegou e, de longe, gritou: "Dá-me um abraço, minha rainhazinha!" Mas eu estava com preguiça de sair do balanço. Respondi: "Ah, papai, não me incomode. Venha o senhor até mim!" Então papai ficou em silêncio e sem me abraçar... já comecei a me arrepender. Para completar, a minha irmã Maria não deixou por menos: "Mal-educada, que feio responder assim ao seu pai!" Que vergonha que eu senti! Na mesma hora larguei o balanço e corri atrás de papai para pedir desculpas, até subi a escada aos pulos, sem chamar desta vez por mamãe a cada degrau.

O vestido de mangas

Mamãe disse a Paulina: "Teresa achou um jeito de lhe perdoarem mais rapidamente, ela não escondia suas travessuras". Mas, na verdade, era um tormento para mim a ideia de ter magoado meus pais. Não aguentava ficar com aquilo na consciência nem por um segundo. O chato é que eu tinha sempre vontade de dizer não, brigar e fazer birraça, mas porque amava as pessoas e Jesus, fazer estas coisas me deixava triste.

Às vezes, conseguia engolir a minha vontade, como num dia em que íamos a um lugar chamado Grogue visitar a família da senhora Monniera. Mamãe disse à minha irmã Maria: "Coloque na Teresa o vestido azul celeste de mangas compridas, para que o sol não a queime". Era um lindo vestidinho enfeitado com rendas. Pensei comigo mesma: "Bem que de braços nus ficaria mais bonita!" Mas não reclamei, não falei nada, vitória!

O jogo das boas ações

Maria, para nos ocupar, inventou uma nova brincadeira: distribuiu umas pedrinhas coloridas para mim e Celina. A cada boa ação ou sacrifício que a gente praticasse por amor a Jesus, passávamos uma pedrinha de um bolso para o outro. No final do dia contávamos quantas boas ações tínhamos feito e oferecíamos todas a Jesus. Mamãe achava divertido ver a gente correr atrás de boas ações o dia inteiro e levar mil vezes as mãos aos bolsos.

Como gostamos muito desse jogo, eu e Celina ganhamos uns tercinhos de "práticas", para nossas boas ações. Eles tinham, cada um, uma pequena cruz e uma medalhinha milagrosa na ponta, era como os terços bizantinhos. Ficou ainda mais fácil, pois a cada pequena boa ação ou sacrifício, do tipo ajudar alguém a terminar suas tarefas, quando queríamos fazer outra coisa, era só puxar uma conta.

Uma vez, uma vizinha chamou no muro a moça que trabalhava em casa ajudando a mamãe e perguntou: "Mas Luísa, que tanto essas meninas falam de práticas, que negócio é esse?"

Uma das "práticas" que resolvi fazer foi nunca me queixar quando tiravam aquilo que era meu. Como um dia em que fui passear no campo e colhi uma braçada de flores. Eram as mais bonitas que encontrei. Levei um tempão nessa tarefa, pois queria fazer muitos arranjos com as flores. Mas aí a vovó Maria Ana, mãe do papai, ficou encantada com as flores e me pediu para colocá-las num altarzinho que tinha em sua casa. "Claro, vovó, pode ficar com elas". Respondi, engolindo as lágrimas. Celina olhou para mim e já sabia: mais uma pedrinha passaria de um bolso para o outro.

A hóstia pequenina

Um dia, Celina pensou alto: "Como pode o Nosso Senhor estar numa hóstia tão pequena?" Como eu sabia, respondi: "Que admiração, se Ele é onipotente". E ela perguntou: "Que quer dizer onipotente?" Sentindo-me muito adulta por saber mais que minha irmã maior, eu respondi: "Quer dizer que Ele pode fazer tudo o que quiser".

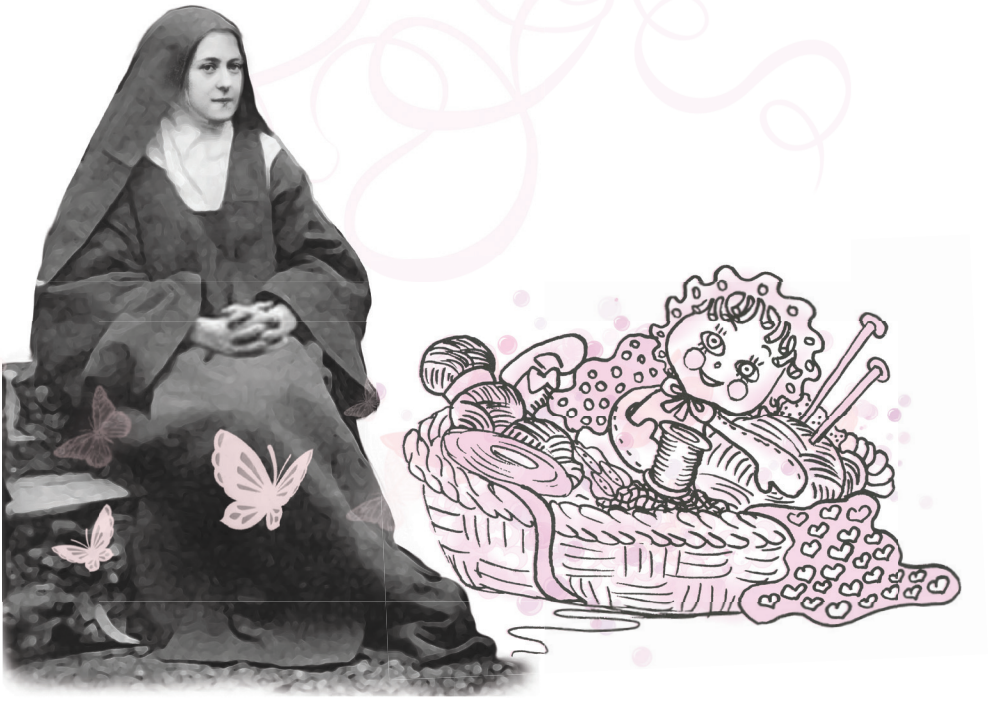
Aos domingos, minha família ia à missa. Mas eu, por ser muito pequena, ficava em casa. Esperava que voltassem na maior expectativa.

Celina sempre me trazia o que eu chamava de "meu pão bento": eram hostiazinhas não consagradas que o Padre lhe dava, após a missa, na sacristia. Não era ainda Jesus na Hóstia Consagrada, mas eu me preparava para ganhar meu pãozinho como se fosse. Quando Celina chegava era uma festa, corria até ela dizendo: "Depressa, Celina, dá-me o pão bento". Um dia, ela não o trouxe... E agora? Sem ele é que não podia passar, porque era a "minha missa". Então tive uma ideia: "Não tem pão bento? Pois faça um você!" Celina abriu o armário e pegou um pão. Cortou-lhe um pedaço e rezamos uma Ave-Maria sobre ele. Com ar triunfante, ela me deu o pãozinho e, após fazer o sinal-da-cruz caprichado, eu o comi com grande devoção, achando que tinha exatamente o gosto do pão bento.

A cesta de Leônia

Um dia, minha irmã Maria Leônia, talvez achando que não fosse mais menina para brincar com bonecas, chegou até mim e Celina com uma cesta cheinha de vestidos, bonitos retalhos de fazenda e sua boneca de louça, além de outras coisas. Disse-nos: "Minhas irmãzinhas, escolham!" Celina olhou para tudo aquilo e tirou um novelo de fita. Eu, depois de pensar um pouco, estendi os meus braços e fui dizendo: "Eu escolho tudo!" Eu sou do tipo que, na hora de escolher, não escolhe pela metade, escolhe logo tudo.

Quando cresci, já uma irmã carmelita, lembrando essa história, escrevi: "Sempre escolhi de uma só vez todos os degraus que me fizeram ser santa". E de que são feitos esses degraus? De aceitar sofrer muito e de esquecer de mim para pensar nos outros, como fez Jesus na cruz. Eu poderia ter sido apenas uma "boa menina", ter escolhido subir apenas alguns degraus e continuar fazendo as minhas vontades de vez em quando. Mas não, bem alegre disse para Deus: "Meu Deus, escolho tudo! Não quero ser santa pela metade, nem tenho medo de sofrer por vosso amor. Só tenho medo de ficar com a minha vontade. Dou-a para o Senhor e em troca escolho tudo o que o Senhor quiser!"



Um sonho estranho

Aos quatro anos, sonhei que estava passeando bem sossegada no jardim e vi, perto do caramanchão onde Maria tinha suas folhagens, dois horríveis diabinhos a dançar em cima de uma barrica de cal, com uma velocidade de dar vertigem, mesmo estando com correntes pesadas que prendiam seus pés.

Você acha que fiquei com medo? Na verdade, quem ficou com medo de mim foram eles. Quando me viram com seus olhos faiscantes, pularam para dentro da barrica e saíram dela, não sei por onde, correndo desesperados, para se esconderem no quartinho de lavar roupas que ficava no jardim. Vendo que eram tão covardes, quis dar uma sondada pela janela para saber o que estavam fazendo. Os pobres demônios, ao me ver, correram desesperados de um lado para o outro, saltando para cima das mesas, sem saber como fugir de mim. De vez em quando, paravam para ver se eu tinha ido embora, mas como não despregava da janela, voltavam a correr desesperados. E como era só um sonho, acordei. Mas eu bem sei que Deus quis que eu aprendesse com este sonho que uma alma em estado de graça, de bem com Deus, não tem que ter medo de demônios. Afinal, são uns covardes que não têm nem vergonha de fugir de uma criança!

Mandar na dona vontade

Desde pequena eu amava o bem. Mas até os dois anos, o amor por mim mesma, às vezes, saía ganhando, como no dia em que eu estava jogando cubos com Celina... Mamãe espiava nosso jeito pois, às vezes, brigávamos. Celina sempre acabava cedendo para conseguir mais uma pérola na sua coroa do Céu. Mas eu, quando perdia no joguinho, rolava no chão furiosa, desesperada, como se tudo na vida estivesse perdido. Mamãe me corrigia... Que vergonha! Mas, pelos meus três anos, comecei a mandar na minha vontade. Bastava ouvir uma vez que tal coisa não era boa e pronto! Obedecia.

Certa noite, Maria, Celina e Leônia foram ao círculo católico. Eu não tinha idade para ir junto, mas como queria! Não reclamei, só pedi: "Se ao menos me deixassem dormir na cama de Celina!" Claro que não deixaram. Eu achava que na cama da minha irmãzinha ia me sentir menos longe dela. Mas de novo mandei na minha vontade e disse: "Está bem". Fui vitoriosa. Eu vivia assim: lutando contra a "dona vontade".

Quando me acusavam de ter feito algo que não fiz, preferia ficar calada a me desculpar, mesmo que a minha vontade fosse contar que não tinha sido eu. Mas, quando me mandavam tomar leite, que eu detestava, aí era difícil! Só consegui depois de grande esforço. Quando eu já era irmã no Carmelo e estava bem doente, inventaram que tomar leite materno fazia bem para os pulmões. Então trouxeram o tal leite e... Ai, meu Deus!!! Como foi difícil mandar na vontade com o estômago embrulhando. Não improvisava agir assim porque pensava em fazer desse jeito, acontecia naturalmente, ou quase. Isso porque pedia, muitas vezes, a Jesus que me desse a graça de ser forte para mandar na minha vontade sempre que precisasse.

Os passeios de domingo

Lembro quando o papai e a mamãe nos levavam para passear aos domingos no Pavilhão, uma sítio que eles tinham perto do Rio Sartre, na entrada da cidade. Lá havia uma espécie de torre onde papai guardava seu material de pesca. Que delícia era correr pelo trigal e o campo pintado por toda parte com papoulas vermelhas e centáureas, flores que nascem na primavera sem ninguém plantar na minha terra. Também gostava de olhar as árvores altas que subiam para longe de mim, que era tão pequena.

Quase sempre nesses passeios encontrávamos um pobrezinho e, para minha felicidade, eu era encarregada de dar a ele alguma coisa.

O passeio ia muito bem até o papai achar que eu já tinha andado bastante para o meu tamanho e resolver voltar para casa, contra minha vontade. Minha irmã Celina, para me consolar, enchia de flores o seu cestinho e me dava. Mesmo não querendo voltar, não reclamava.

Lembro que, desde os três anos, não quis recusar mais nada que o bom Deus me pedisse. Porém, na vida desta menina aqui, nem sempre foi primavera, pois bem cedo conheci o sofrimento, como muitas crianças que sofrem quando morre a mãe ou quando ficam doentes.

Mamãe está doente

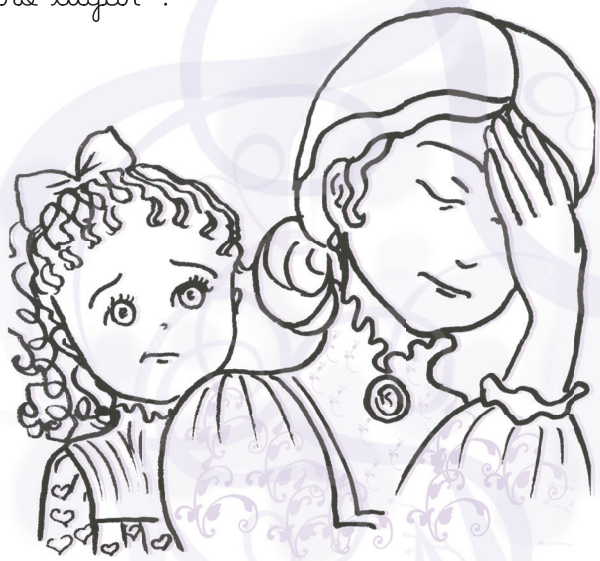
O doutor disse que ela tinha um tumor no seio e que já era tarde para operar. Sabendo que logo partiria para o Céu, mamãe escreveu para Paulina, que estava no colégio, sobre cada uma de nós: "As duas pequenas, Celina e Teresa, não me preocupam, Maria e você poderão facilmente criá-las". Com Leônia, ela se preocupava mais, passava por uma fase de rebeldia e dificuldades para aprender. Escreveu a respeito dela: "Esta filha precisa de mim". Então mamãe foi a Lourdes pedir a Nossa Senhora que a curasse e que Leônia crescesse uma menina boa, feliz. Nossa Senhora atendeu só ao segundo pedido, pois o Bom Deus tinha outros planos para mamãe: o Céu!

Por fim, mamãe sentia muitas dores e não conseguia mais dormir. Minhas irmãs maiores e uma tia cuidaram dela. Como Celina e eu éramos menores, nas últimas semanas mal acordávamos e nos levavam para a casa de uns sobrinhos do papai e lá passávamos o dia.

Uma vez, Celina e eu não tivemos tempo de fazer a nossa oraçãozinha da manhã. No caminho, Celina me perguntou ao ouvido: "Teresa, será que devemos dizer a esta senhora que ainda não rezamos?" Respondi como diria mamãe: "Claro! É nossa obrigação".

Quando chegamos, minha irmã, toda encabulada, contou à senhora e ela nos respondeu que podíamos rezar. Mas nos deixou sozinhas numa grande sala. Ficamos pasmadas. Eu disse: "Oh! Celina, que diferença da mamãe, que sempre nos acompanhava em nossas orações".

Certo dia, Celina ganhou um pêssego e me disse: "Vamos guardá-lo para mamãe". Pobre mamãe, estava tão doente que não conseguia mais comer coisas desta terra. Mas Deus já estava preparando a maior festa de chegada para ela no Céu. Dez dias antes de mamãe partir para o Céu, escreveu para um tio meu que estava muito triste porque não queria que ela morresse: "O que você quer, se a Santa Virgem não me cura? Meu tempo chegou e o Bom Deus quer que eu repouse em outro lugar".

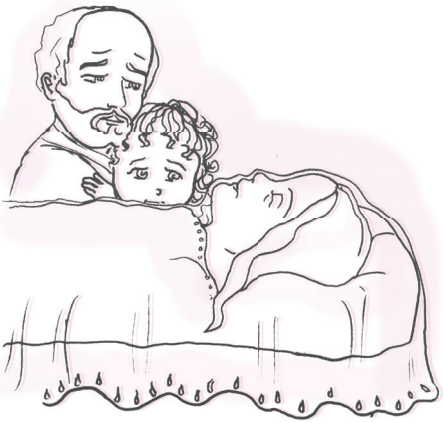


Até um dia, mamãe

Tenho bem guardada na lembrança a comovente cerimônia de mamãe recebendo o Sacramento da Unção dos Enfermos. Eu me recordo do lugarzinho em que me ajoelhei, perto de meu pai... Pobre papai, soluçava muito.

Mamãe deixou este mundo no dia 28 de agosto de 1877. Ela tinha 46 anos; e eu, somente quatro. Eu era tão pequena que, em certo momento em que fiquei sozinha diante do caixão onde mamãe estava, precisei me esticar toda para olhá-la de alto a baixo. Pensei: "É tão grande e tão triste". Papai me pegou no colo e disse: "Vem dar o último beijo na sua mãezinha". Sem soltar uma única lágrima, dei um beijinho em mamãe, fiquei ali, olhando e ouvindo em silêncio, me sentindo muito infeliz.

Quando cresci, a morte de alguém que amava já não me deixava triste, porque em vez de olhar para o caixão, eu olhava para o Céu, que era mais alegre. E nada neste mundo podia me entristecer.



Uma outra mãe

Depois do enterro, quando chegamos em casa, estávamos as cinco irmãs tristes, olhando umas para as outras. E a nossa babá, com pena da gente naquele estado, disse: "Pobres crianças, já não têm mais mãe!"

Celina, então, deitou-se nos braços de Maria e disse: "Pois bem, você será a nossa mãe". Como tudo que Celina fazia eu copiava, fui dizer o mesmo, quando lembrei: "A Paulina pode ficar magoada por ser deixada de lado". Olhei para Paulina, encostei minha cabeça em seu peito e lhe disse: "A minha mãe será a Paulina".

Como uma flor ao sol

Com a morte da mamãe, aconteceu uma mudança comigo: eu, que antes era arteira, caí numa timidez medonha, por isso fiquei mais comportada. E, para completar, virei uma "manteiga derretida", um simples olhar de alguém fazia-me chorar tanto que as lágrimas caíam em fios. Por causa disso, fugia de pessoas estranhas.

Só com minha família eu me sentia bem. Em casa, o papai, que sempre foi tão carinhoso, passou a ser duas vezes mais: por ele e por mamãe. Deus sabia que esta florzinha aqui, para crescer com chuvisco e tempestade, ia precisar do sol do Seu amor, então colocou este amor na minha mãe substituta, em papai e em minhas outras irmãs.

A mudança

Papai já não achava graça em nossa velha casa sem a mamãe. Além disso, lembrou que o último olhar dela foi para sua cunhada, nossa tia Celina Guérin. Ela morava numa cidade perto da nossa, muito bonita e florida, chamada Lisieux. Ela tinha duas filhinhas, Jeanne e Maria, com quem eu gostava muito de brincar. Por isso, quando disse que íamos nos mudar para Lisieux, para ficarmos mais perto da tia Celina e do tio Isidoro, irmão de mamãe, eu pulei de contente. Mudamos no dia 15 de novembro de 1877. Imagine só a bagunça... Celina e eu no meio de toda aquela gente grande encaixotando tudo.

Quando chegamos a Lisieux, na casa da tia Celina foi uma festa! Jeanne e Maria, minhas priminhas, já estavam nos esperando na porta. Gostava muito delas e dos meu tios, mas tinha um pouco de medo do tio Isidoro, por isso ficava meio encabulada na casa dele.

Papai achou melhor alugar uma casa num bairro distante, onde pudesse criar suas filhas longe das modas da cidade. Era muito legal: ficava perto de um lugar para passeio chamado Jardim de Estrela. Fomos morar numa casa que nós, meninas, batizamos de "Buissonnets", que em português quer dizer mais ou menos isso: "moita, lugar para fazer um ninho". Essa casa até hoje está lá pra quem quiser ver, com muitas janelas brancas, toda de tijolinhos. Tinha um sótão e um mirante com uma bela vista, que são aquelas quatro janelinhas no segundo andar, bem em cima da fachada. Também tinha um lindo jardim inglês e, no quintal, uma grande horta. Quer saber? Gostei tanto da casa nova que nem senti falta da nossa casa antiga; também pudera, com tanto espaço para brincar!

As aulas com Paulina

Logo no começo de 1878, a tia Celina aconselhou papai a colocar Leônia e Celina no Colégio das Irmãs Beneditinas. Eu iria estudar primeiro em casa com minha mãe adotiva, a Paulina. Não dei trabalho, porque queria muito aprender a escrever sozinha, desde o tempo em que ainda morava em Alençon. Antes, quando tinha que mandar uma cartinha, ou um bilhetinho para as primas de Lisieux, Maria segurava a minha mão para que eu escrevesse. Mas quando ela se cansava, a carta tinha que acabar.

Lá pelos meus 5 anos, papai, Paulina e Maria resolveram ir a uma exposição em Paris. Eu fiquei na casa da minha tia. Lembro que escrevi, com a ajuda dela, uma cartinha para minhas irmãs contando que fomos comprar umas meias e ganhei da moça da loja continhas em forma de pérola, com as quais fiz um anelzinho diferente". E lá íamos nós.

Cada dia numa igreja

Lisieux era uma linda e florida cidade, com muitas igrejas. Um dia, papai me disse: "Vamos fazer uma visita para Jesus no Sacrário cada dia em uma igreja

No final de cada passeio, papai acabava sempre me dando um presentinho de um centavo ou dois.

Lembro quando entrei pela primeira vez na capela do Carmelo, o convento onde viviam as irmãs carmelitas. Vi que, ao lado do altar, havia uma salinha com grades.

Papai percebeu que fiquei curiosa e disse: "Sabe, minha rainhazinha, por detrás dessa majestosa grade, habitam umas santas religiosas que estão a orar por nós". Com seis anos estava longe de imaginar os planos que Deus tinha para mim, quem poderia imaginar que, dali a nove anos, eu seria uma daquelas irmãs?!

Sempre que terminava uma aula, corria atrás do papai para mostrar o que tinha aprendido naquele dia. E com sete anos já sabia escrever. A minha primeira carta, que escrevi sozinha, sem ajuda de ninguém, foi para a Paulina, quando fui passear na casa de campo da minha tia...

1 de dezembro de 1880

Minha querida Paulina,

Estou muito contente por te escrever. Pedi à tia. Faço muitos erros, mas você sabe que não sou jeitosa.
Dê um abraço no papai da minha parte. Divirto-me muito, pois sabe que estamos na casa da tia. Enquanto Maria faz as contas, brinco de pendurar estampinhas bonitas que minha tia me deu. Até logo, minha querida Paulina.

Sua Teresinha.

Meus dias nos Buissonnets

Quando voltava dos passeios com papai, ele mandava-me fazer tarefas com Paulina: se me sobrava um tempinho, ia saltando até o jardim para correr em volta do meu pai que andava por lá. Papai aposentou-se para ficar mais tempo com suas meninas e dedicar-se à nossa educação. Quis ser para nós, suas filhas, pai e mãe ao mesmo tempo, por isso estava sempre perto de nós.

Eu não sabia brincar com bonecas. Enquanto a Celina estava na escola, brincava sozinha de fazer comidinha com cascas de árvores e sementes. Ficavam uns pratinhos de dar água na boca! Também fazia uns chazinhos com flores e outros matos numa linda chaleira de brinquedo que eu tinha. Papai fazia que tomava uns goles e depois perguntava em meu ouvido: "E aí, minha rainha? É para jogar fora ou você vai guardar para mais alguém?"

Outra coisa que me alegrava eram as flores; com elas enfeitava um altarzinho para Nossa Senhora e Jesus, que eu armava nos vãos do muro do jardim.

Depois saía em disparada para chamar o papai, que me dizia admirado: "Que maravilha, minha rainha! Estão tão lindas que não me canso de olhar!"

Como mamãe ensinou

Lá em Lisieux, não me esqueci de mamãe. Sempre fazia as orações que aprendi com ela. Lembro que me ensinou a rezar assim todos os dias: "Eu Vos ofereço meu coração, meu Deus. Dignai-Vos tomá-lo para que nenhuma criatura o possa possuir senão Vós, meu bom Jesus". Isso foi bom para mim, pois como rezava entregando meu coração para Jesus, Ele dava sempre um jeito de fazer eu me arrepender e aprender com as coisas que me aconteciam. Assim eu me empenhava em agradar Jesus em tudo o que fazia, tomando o cuidado de não o ofender nunca e, à medida que eu ia crescendo em idade, crescia também em amor a Deus.

Minha prima Maria

Minha prima Maria era muito legal. Primeiro porque ela também queria ser irmã, depois porque me deixava escolher as brincadeiras. Fazíamos de conta que morávamos sozinhas na floresta, numa cabana de palha, em silêncio e oração, e só tínhamos uma hortazinha e um campo de trigo para viver. Muitas vezes, Maria e eu íamos passear juntas pela cidade rezando o terço com os dedos para não chamar a atenção de quem passava por nós. Mas, um dia, esqueci e fiz um grande sinal-da-cruz, antes de comer um pedaço de bolo, o que provocou risos em algumas pessoas que estavam ao meu redor. Certa vez, enquanto estávamos voltando da Abadia, disse a Maria: " Vou caminhando com os olhos fechados, enquanto você irá me guiar pelo braço". Ela respondeu-me: "Eu também vou de olhos fechados".

E lá fomos as duas ceguinhas, até tropeçamos numas caixas com lixo, que foram para todos os lados! O dono da loja saiu correndo para fora, mas nem vimos seu rosto, pois a essa altura nós duas corríamos para bem longe da "cena do crime" e com os olhos bem abertos.

As pescarias

Lembro-me de uma porção de coisas divertidas que fazia com papai. Muitas vezes ele me levava para uma pescaria, me colocava ao seu lado com uma varinha, esperando o peixe morder minha isca. O que eu mais gostava na pescaria era de sentar na grama longe dos outros que estavam pescando e ouvir o barulho do vento nas folhas.

Às vezes dava até para ouvir algumas notas de música que a banda militar tocava lá na cidade. Então, sentia como se a terra fosse um lugar passageiro, assim como passaram rápidas aquelas tardes. A terra é um lugar só pra gente passear. Mas no Céu não! Quem vai para o Céu vive feliz sempre. Isso tudo me fazia sonhar com o Céu. Antes de irmos para casa, comia merenda e ficava pensando: "Quando Paulina preparou meu pão, o recheio com uma fatia de doce era até bonito de se ver. Mas no pão, agora, só há uma mancha derretida cor-de-rosa. Só no Céu nada perde a beleza, no Céu só haverá alegria" .

Deus perto de mim

Um dia, papai e eu estávamos passeando no campo quando, de repente, o lindo azul do Céu se cobriu de nuvens. Cá começou a trovejar com força: Cabrum! Cabrum! Vi que do Céu saíam clarões vivos e cintilantes dos relâmpagos. Achei lindo! Olhava para todos os lados, pois não queria perder nada do espetáculo.

Vi um raio cair ali perto, num campo vizinho. Pensa que fiquei com medo? Que nada! Gritava: "Viva! Deus está pertinho de mim!" Papai veio me arrancar da minha admiração intensa. Foi engraçado correr da chuva, porque as ervas e as flores eram altas e tivemos de atravessar várias campinas antes de alcançar a estrada. Papai, então, me pegou no colo com vara de pescar, cesta, peixes e tudo. Achei ótimo: a vista dos lindos diamantes de água caindo era bem melhor. Pena que eu ainda não estava toda molhada por eles.

Um pobre velho

Nos nossos passeios, às vezes encontrávamos pelo caminho gente muito pobre. Papai sempre me dava um dinheirinho para dar a quem pedisse. Certo dia, quando eu tinha seis anos, vi um pobre velho arrastando-se com muletas. Corri para dar minhas moedinhas, mas o velhinho me devolveu um olhar tão triste, que doeu dentro de mim. Depois, com um sorriso sofrido, recusou a esmola.

Fiquei ali, triste, olhando-o ir embora devagarinho. Acho que percebeu minha tristeza, porque de longe sorriu para mim. Papai tinha me comprado um bolo, e eu pensei: "Ele não quis o dinheiro, mas quem sabe não gostará de um bolo?" Mas, com medo de ofender mais ainda o homem, não ofereci. Fiquei com o coração tão oprimido que mal pude conter as lágrimas. Lembrei que no dia da Primeira Comunhão a gente alcança todas as graças que pedir. Pensei: "Vou pedir que este pobrezinho tenha a recompensa do Céu". E foi realmente o que fiz, cinco anos depois, na minha Primeira Comunhão, e sempre acreditei que Jesus atendeu o meu pedido.

O caso dos fósforos

Certo dia, fiz um papelão que vale bem a pena contar, para que você veja que até quem é pirracento, como eu fui, pode melhorar e chegar a ser santo um dia, se souber pedir perdão. Era maio de 1878, todas as tardes aconteciam as novenas e os terços para Nossa Senhora, mas Paulina não me levava porque eu era muito pequena. Então, ficava em casa com Vitória, uma moça que cuidava de mim. Fazia com ela minhas orações a Nossa Senhora, em frente a um altarzinho que eu mesma arrumava do meu modo. Era tudo tão pequenino: castiçais, flores, jarras... Usava dois fósforos como velas para iluminar tudo. Todos os dias Vitória trazia os fósforos.

Um dia, quando íamos começar nossa reza, eu disse a ela: "Faça o favor de começar a rezar, que eu vou acender os fósforos". Ela olhou para mim e desatou a rir. Ao ver os meus ricos fósforos se gastarem, implorei: "Vitória, reza logo a oração de São Benedito, por favor!"

O mesmo silêncio e as mesmas gargalhadas! No auge da raiva, levantei e, esquecendo minhas costumeira mansidão, bati o pé com toda força, gritando muito alto: "Vitória, você é uma velhaca!" A pobre da moça perdeu a vontade de rir e, olhando muda para mim, abriu o avental e mostrou-me dois tocos de vela que trazia escondido para fazer uma surpresa. Vieram bem na hora! Eu, que já estava chorando de raiva, comecei a chorar de vergonha. E chorei mais ainda de arrependimento. Depois, assumi um firme propósito: "Nunca mais torno a perder a paciência!"

Celina se prepara para a Primeira Comunhão

Mamãe dizia que Celina era comportada; e eu, arteira. Mas agora que estamos maiores, parece-me que trocamos os papéis: a arteira passou a ser Celina, e eu passei a ser a mais sensível. Por causa disso, Celina achou que tinha que andar sempre por perto, me protegendo. Bem que eu gostava disso, porque amava a companhia de minha irmã.

Lembro bem a Primeira Comunhão de Celina. Eu tinha 7 anos. Quando ainda faltavam alguns meses, todas as noites Paulina lhe falava da grandeza que é receber Jesus na Eucaristia. Ouvindo tudo, não via a hora de passarem logo os quatros anos que me separavam do dia da minha Primeira Comunhão. Numa dessas noites, Paulina disse: "Celina, a partir da sua Primeira Comunhão, é preciso começar uma vida inteiramente nova" . Ouvindo Celina falar, pensei: "Não vou esperar chegar a minha vez, vou começar uma nova vida agora mesmo!"

Celina foi fazer um retiro de uma semana, preparatório para a PrimeiraComunhão, na Abadia, junto com as irmãs que moravam lá. Que demorado foi o tempo que passou fora de casa! Parecia não ter mais fim! Finalmente, chegou o dia mais bonito de sua vida: 13 de maio de 1880. Vi minha irmã, toda de branco, na fila da Comunhão com as outras crianças. Depois ela ficou ajoelhada, de olhos fechados, rezando com Jesus no coração, feliz da vida. Já imaginou? Poder estar com Jesus assim?! Fiquei ali olhando e sonhando com o dia em que eu também teria essa tão grande felicidade.

Corpus Christi

Você gosta de festa? Eu gosto de todas, não só daquelas com bolo e velinhas. Gosto também das festas da Igreja: Natal, Páscoa e até das menores, como as festas dos Santos; nesses dias a terra deixava de ser terra para ser um pedacinho do Céu.

Sabe aquela procissão em que o padre sai com Jesus na Eucaristia pelas ruas da cidade e o povo todo enfeita as ruas para Ele passar? É a festa de Corpus Christi.

Corpus Christi era uma das minhas festas preferidas, porque podia jogar rosas por onde Jesus passava. Eu as atirava bem alto para ter a alegria de ver as pétalas de minhas rosas desfolhadas tocarem no sagrado ostensório.

O domingo

O domingo é uma festa: o dia do Senhor! Por isso papai nos levava à Santa Missa. No meu tempo, a Missa era toda cantada em latim, era assim no mundo inteiro, para dizer que todos os cristãos são um só povo e oravam a Deus numa mesma língua, só a homilia era na língua do meu país, o francês. Hoje em dia, cada país celebra a Eucaristia em sua própria língua, assim todos entendem e participam melhor. Durante a parte cantada da Missa, nós participávamos de uma capelinha da família, mas na hora da homilia, o papai gostava de ouvir bem, então saíamos do nosso lugar. Pedíamos: "Com licença, com licença". Era papai, eu e minhas irmãs indo mais à frente.

O meu tio Isidoro observava a gente do lugar dele e depois dizia: "É bonito ver a chegada deste venerável ancião e seu raiozinho de sol". Ele nos chamava assim por causa de minha cabeleira loira e dos cabelos brancos de meu pai.

Todos queriam nos ceder o lugar por ele ser velho; e eu, pequena. Não me importava que me olhassem, queria mesmo era ouvir a homilia. A primeira que compreendi, o sacerdote falava da Paixão de Jesus, eu tinha 5 anos e meio.

Às vezes, quando o padre falava de Santa Teresa de Ávila, papai me sussurrava no ouvido: "Atenção, minha rainha, é a sua santa protetora". Eu redobrava a atenção, mas acabava olhando mais para papai que para o padre, pois ele nem parecia desta terra. Às vezes, papai não conseguia conter as lágrimas e, emocionado, as deixava correr pelo rosto, principalmente quando o padre falava do Céu, onde a mamãe já estava.

Meu nome está escrito no céu

Gostava tanto de domingo que não queria que ele acabasse, porque na segunda-feira teria de voltar para as lições e tudo o mais que fazia todos os dias. No fim da tarde, sentia uma pontinha de tristeza que me fazia querer ir para o Céu; eu pensava: "Se Domingo é dia do Senhor e no Céu todo dia é dia do Senhor, então todo dia no Céu deve ser domingo".

Em alguns domingos, minha tia me levava para passar o dia em sua casa, para brincar com minha priminha Maria.

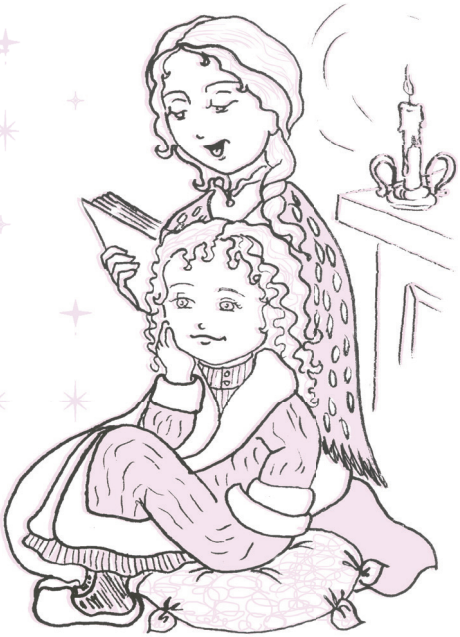
Gostava de ouvir meu tio Isidoro, pai da Maria, falar coisas sérias com os adultos. Uma vez, ele me colocou em seus joelhos e, com sua voz forte, contou a história do terrível Barba Azul, que matava suas esposas. Porém, todo o meu interesse pela história transformou-se em pavor.

Lá pelas 8 horas, papai chegou para me buscar e lá fomos os dois, andando pelas ruas de Lisieux. Estava uma noite linda, olhei para o céu e vi um mundo de estrelas. Entre elas, um grupo de pérolas de ouro, mais cintilantes que todas; juntas formavam a letra "t". Eu disse, admirada: "Olha, papai, o meu nome está escrito no Céu!" Papai me respondeu: "Esse grupo de estrelas é o talabarte de Órion". Mas, para mim, era a inicial do meu lindo nome e pronto.

Segurei na mão do papai e lá fui sem reparar onde punha os pés, com a cabeça levantada o mais que podia, sem nunca me cansar de contemplar o céu estrelado.

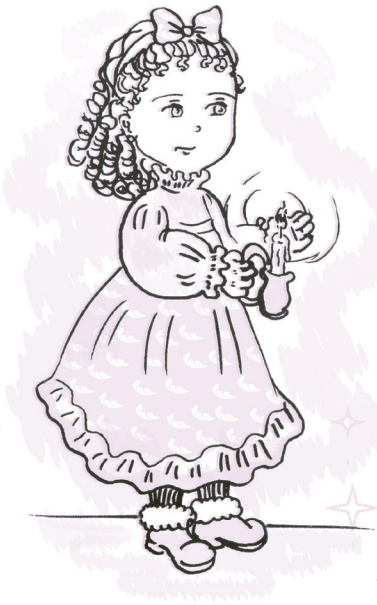
Os serões de inverno

No inverno, chamávamos as noites de "serões": serões de inverno! Primeiro jogávamos uma partidinha de damas, depois Maria ou Paulina liam a liturgia diária e algumas páginas de algum livro interessante com histórias e aventuras, como a vida dos santos. Eu ouvia sentada nos joelhos de papai. Depois da leitura, papai cantava, com sua linda voz, algumas músicas lentinhas, acho que para eu adormecer, porque sempre acabava encostando na meiguice de seu coração.



Sem medo de escuro

Depois dos serões, juntos subíamos para os nossos quartos. Uma ia à frente, iluminando os degraus da escada com a vela, e papai subia comigo, meio sonolenta, em seu colo. Antes de dormirmos, rezávamos nossas orações da noite. Sempre ao lado do meu pai, eu pensava: "Basta olhar para o pai para saber como eram os santos". Depois de rezar, Paulina me colocava na cama e, todas as noites, eu lhe perguntava: "Fui boa hoje? O Papai do Céu estará contente comigo? Os anjinhos virão voar ao meu redor?" As respostas eram sempre afirmativas, claro. Aliás, se não fossem, eu teria uma noite de choro sem fim. Depois do interrogatório, Paulina e minha madrinha Maria davam-me o último abraço e a Teresinha ficava só, na escuridão.



Sabia que...

Não existia televisão naquela época, então as famílias aproveitavam aquele tempinho entre o jantar e a hora de ir para a cama para fazer uma porção de coisas legais, à beira das lareiras ou fogões a lenha. E tudo à luz de velas e lampiões.

Graças a Deus, me acostumaram desde cedo a dominar o medo. Paulina me mandava, às vezes, ir sozinha à noite buscar um objeto num quarto distante sem admitir desculpas. Nunca fui medrosa, era difícil alguma coisa me assustar.

É incrível como minhas irmã educaram-me com tanto amor, sem me terem estragado com mimos. Elas não deixavam passar a mínima falta que eu cometesse e nunca voltavam atrás quando me davam uma ordem.

O copo e o dedal

Um dia, lá pelos meus 6 anos, comecei a pensar nas pessoas que vão para o Céu: lembrei-me de mamãe que foi sempre tão boa, dos meus quatro irmãozinhos. Imaginava que Nossa Senhora deveria estar em um trono, perto de Jesus. Pensava: "Será que os grandes Santos, como Santa Joana D'arc, que nós franceses gostamos tanto, têm no Céu uma glória maior do que aqueles que só conseguiram ser do tipo bonzinhos? Xiii! Estou perdida!" E ia longe com esses meus questionamentos.

Um dia Paulina, me ouvindo perguntar se no Céu alguns santos são mais felizes que outros, me disse: "Teresinha, vá buscar o copo grande do papai e um dedalzinho de costura". Sem entender, obedeci. Então ela colocou os dois, lado a lado, os encheu de água e depois me perguntou: "Qual dos dois lhe parece estar mais cheio?" Olhei bem e respondi: "Nenhum. Tanto o copo como o dedal estão cheios, não cabe mais uma só gotinha em nenhum deles". Paulina, então, explicou: "No Céu é assim, Teresa, o último dos escolhidos não tem de invejar a felicidade dos mais favorecidos". Então compreendi que no Céu não existe espaço para inveja e tristeza, porque todos estão cheios igualmente da glória de Deus. Ufa... Que alívio!

Uma pequena flor

Essa história dos copos me deu ideia para outra história: Era uma vez o Céu... Não era: é! Lá há um grande jardim vivo do nosso Deus, onde cada Santo é como uma flor. Ao lado dos lírios e das rosas que representam os grandes Santos, Deus também criou as flores pequenas como o malmequer, a violeta, como eu. E todas alegram o coração do jardineiro. E os campos não seriam tão alegres se só existissem rosas, não é mesmo?! A beleza dessas "florzinhas" diferentes dependem de como cada uma se esforça para cumprir a vontade do Criador.

Um jardineiro especial

Mais uma história que inventei: Deus é o grande jardineiro e o Seu amor é o mesmo para as flores grandes e as pequenas... E como sei disso? O sol não ilumina ao mesmo tempo o grande cedro do Líbano, que é uma árvore muito alta, e a pequena flor do campo?! Já notou que quem ama "rebaixa-se" naturalmente? Como uma mãe que se abaixa para pegar seu filhinho no colo. Penso que o "jardineiro" Jesus não precisa abaixar-se muito para cuidar de um grande santo, mas para cuidar dos que são como eu, ou das flores machucadas e sujas e até daquelas que não sabem que Ele cuida de nós; para essas flores tão pequeninas, o nosso bom jardineiro precisa abaixar-se. Abaixou-se tanto que "regou" Seu jardim com o próprio sangue, derramado na Cruz para nos salvar. Quer saber... Depois disso, o mínimo que podemos fazer é deixar que Ele nos colha pra enfeitar a Sua casa no Céu.

Como um filhote depenado

Paulina sempre queria saber de mim e, às vezes, eu achava mais fácil criar histórias para tentar explicar a ela o que estava pensando ou sentindo. Como essa, por exemplo...

Os amigos de Jesus, os que já moram no Céu, se parecem com aquelas águias que conseguem voar a grandes alturas; já eu me achava mais parecida com um filhotinho depenado batendo os cotozinhos para voar, sem conseguir nada.

É, não sou uma águia, mas tenho os olhos e o coração como os dela, porque as águias voam alto, sonhando alcançar o sol; e eu sempre quis voar até o Céu, onde encontraria Jesus.

E aí? Você acha que desisti? De jeito nenhum! Emprestei as asas de Jesus e voei até junto do Senhor com as asas Dele mesmo! Descobri que ninguém vem para o Céu porque merece, vem porque aceita o amor de Jesus que é bom e morreu na Cruz para nos salvar. A Cruz de Jesus é a nossa asa de águia!

O meu pequeno caminho

Depois que cresci, não deixei de pensar como uma criança nas coisas do Céu. Não porque fosse do tipo "criançola", não! Eu não era nada boba aí na terra. Foi porque justamente sou esperta!

Jesus disse: "Só entra no Céu, quem for criança". Quando li isso, pensei comigo: "Achei a minha pequena estrada que vai dar no Céu, qualquer um consegue passar por ela, até eu!" Fiquei até famosa por causa da minha "pequena via", virei "Doutora da Igreja".

A minha "pequena via" consiste em, antes de tudo, jogar-se inteiramente nas mãos misericordiosas de Jesus, como uma criança que não consegue andar com suas próprias perninhas e dá os braços para que o pai lhe carregue. É que uma criança que tem um bom pai confia nele, se deixa conduzir por sua mão.

Do mesmo jeito, quem confia em Jesus não esconde nada Dele. Tudo pede a Jesus, tudo aceita como um filho obediente, mesmo sem compreender, pois uma criança pequena nem sempre entende tudo, apenas confia.

Depois, a gente fica com o coração tão cheio de gratidão e amor por Jesus, que tem vontade de sair por aí ajudando todo mundo, perdoando, amando, não porque tem medo de ir para o inferno, pois já sabe que vai para o Céu, mas por amor a Ele.

Tem mais uma coisa: quem aceita que é pequeno, se encontra um desafio alto demais, não desiste de caminhar, passa por baixo dele sem orgulho e continua seu caminho, entende?! E mais: se aparece algo perigoso nesse caminho, como uma ocasião de pecar, não enfrenta: foge! E continua a caminhar...

Os prêmios

Em Lisieux, no século XIX, uma vez por ano, os professores premiavam os alunos que tinham as melhores notas, os mais obedientes, os mais organizados e assim por diante. Naquela época, a escola não chegava a ser uma obrigação, porque podíamos receber o ensino em casa com nossa mãe ou irmãs mais velhas. E minhas irmãs tiveram a ideia de fazer o dia da premiação em casa comigo, para me incentivar nos estudos. Como eu não tinha ninguém da minha idade para competir, até poderia ganhar todos os prêmios. Poderia, mas as "juízas" lá de casa eram muito rigorosas. Eu só ganhava os prêmios que merecesse de verdade.

O meu coração batia forte quando elas liam a decisão final na presença do "rei", que era o papai, diante de toda a família reunida: tia Celina, tio Isidoro e minhas priminhas. Papai, então, me entregava os prêmios e uma coroa que minhas irmãs faziam com flores. Eu pensava: "Acho que, no Céu, o dia do juízo final deve ser assim também".

Papai, o rei da França

Às vezes, papai falava sério comigo sobre algum assunto, como se eu já fosse gente grande. Um dia, admirada com a sabedoria dele, disse-lhe: "Tenho certeza, papai, de que se o senhor fosse falar com nossos governantes, eles o proclamariam rei". E o papai riu. Eu continuei empolgada: "No seu reinado, a França seria feliz como nunca foi. Mas..." Meu pai, então, perguntou: "Mas o quê, minha rainha?" E eu respondi: "O senhor seria desgraçado como são todos os reis". Continuei: "E depois, papai, se fosse rei, deixaria de ser só o meu rei. Por isso prefiro que os governantes não o conheçam".

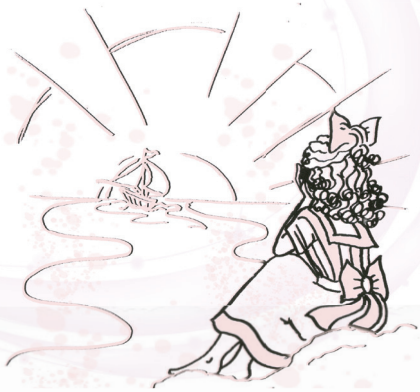
Papai e a escada

Eu tinha horror à ideia de que papai pudesse morrer como mamãe. Por isso, um dia, tendo ele subido no degrau mais alto de uma escada e me vendo lá de cima, disse-me: "Saia daí, rainha, se eu cair, posso esmagar você". Senti uma revolta por dentro e me aproximei mais ainda da escada. Pensei comigo: "Se o papai cair, pelo menos não tenho a tristeza de vê-lo morrer, morro com ele".

Teresa e o mar

Você conhece o mar? Sempre que me encontrava com ele, pensava a mesma coisa: "Uau! Que lindo!" Não conseguia despregar os olhos daquela majestade. E o som das ondas... Tudo no mar me falava da grandeza do poder de Deus.

Certa vez, à tardinha, quando o sol parece que vai tomar banho de mar, Paulina e eu fomos sentar num rochedo solitário. Eu disse, admirada: "Paulina, olhe só um caminho de luz na água!" Ela, como sempre, aproveitou para me ensinar alguma coisa: "Teresa, ele é como a graça de Deus que ilumina aqui na terra o caminho das almas fiéis a Ele". E eu: "Olhe, Paulina, um barquinho na estrada de luz". Era um barquinho ligeiro, com sua vela branca, então pensei, seguindo o raciocínio de Paulina: "Ele é como o meu coração e o sol, como os olhos de Jesus. Não quero sair da vista dele, para que eu possa velejar tranquila para as praias do Céu". Papai costumava declamar uma poesia que dizia assim: "A terra é teu barquinho e não tua morada".



Sabia que...

As roupas de banho das garotas de 1878 eram bem diferentes?! Eram vestidinhos com mangas curtas e golas de marinheiro, bermudões fofos e, é claro, toucas para proteger as longas tranças e cachos. E com abas largas, para que a pele não queimasse nada com o sol, já que também não existia o protetor solar.

Os elogios

Um dia, na praia, um senhor e sua esposa que conversavam com o papai começaram a prestar atenção em mim, que brincava ali perto... "É sua filha? É uma pequena muito graciosa". Papai percebeu que eu estava ouvindo, por isso fez sinal para que não me dirigissem elogios. Bem que percebi, mas nem liguei, porque só dava importância para o que papai e minhas irmãs falavam.

Para falar a verdade, com seis anos, não ligava se era bonita ou não. Papai e Paulina tomavam todo o cuidado de evitar que falassem na minha presença qualquer palavra que pudesse ferir minha simplicidade ou pureza infantil. Isso porque, naquela época, na França, o povo era muito vaidoso e acabava se esquecendo de enfeitar também a alma, que é o mais importante.

O colégio

Eu tinha 8 anos e meio quando Celina terminou seus estudos na Abadia de Lisieux e papai resolveu que era minha vez de ser educada numa escola. Como estava adiantada, fui parar numa turma de meninas bem mais velhas. Na minha classe, havia uma aluna que já tinha 14 anos e, apesar de não ser inteligente, conseguia que as outras a obedecessem.

Logo comecei a tirar as melhores notas em quase todas as tarefas que chamávamos de "composições", porque as minhas irmãs Paulina e Maria tinham sido bastante exigentes comigo nas aulas em casa, não me deram moleza. Todas as professoras me queriam bem, ao contrário das colegas de classe. E não demorou muito para que, lideradas pela garota maior, começassem a me maltratar. Meu pobre coração sangrava de dor, pois ainda não tinha aprendido a oferecer os sacrifícios a Jesus, que sofreu muito mais por mim na Cruz. Ainda bem que todas as tardes podia voltar correndo para perto de papai. Quando lhe mostrava as notas daquele dia, ele sorria e me dava um beijo. Assim, eu esquecia todas as mágoas e acabava não contando a papai como minhas colegas me maltratavam.

Quintas-feiras eram dias especiais na Abadia, porque recebíamos prêmios e as irmãs faziam "feriados", isto é: um dia de gincanas, sem aulas. O primeiro prêmio que ganhei foi um "ótimo" juntamente com uma moedinha de prata, que coloquei no meu bolso com a intenção de dá-la aos pobres.

Essas quintas-feiras eram um martírio, porque eu não sabia brincar como as outras meninas e nenhuma delas me queria por companheira nos jogos, por mais que tentasse participar, não conseguia. Ainda bem que eu tinha minha irmã Celina, que também ia ao colégio, por perto, para brincar.

E, por falar em Celina, foi nessa época que tirei um retrato com ela e minha corda de pular, era assim que nós garotas nos vestíamos em 1881.

Paulina vai para o Carmelo

Tudo andava bem e vivíamos felizes, até que um dia peguei minha irmã Paulina falando a Maria sobre o Carmelo. Não sabia o que era o Carmelo, mas entendi que ela iria para o convento e não esperaria por mim.

Novamente teria de me separar de alguém a quem amava, justo a irmã que escolhera para ser minha segunda mãe.

Nossa, como eu chorei! Se eu já soubesse oferecer meus sofrimentos a Jesus, poderia ter tirado uma alma do purgatório e mandado para o Céu. Paulina perguntou-me: "Teresinha, lembra quando eu falava que um dia seria uma esposa de Jesus no Carmelo?" Eu respondi a ela: "Paulina, eu também quero ser irmã. Você não pode me esperar para irmos nós duas, juntas?" Ela explicou-me: "Eu estou com vinte e um anos e chegou a hora. Você já é uma mocinha de nove anos e sei que pode entender o quanto sonhei com este momento, não é minha irmã?" Entender eu entendia, mas que dor senti em meu coração.

À noite, Paulina me falou de como seria sua vida no convento e, enquanto falava, pensei: "Esse lugar é mesmo do jeito que eu sonho, um dia também quero morar lá, também quero ser irmã". Então, senti uma coisa que não sabia o que era, mas que agora sei: paz.

Teresa quer ser irmã

Paulina, para me alegrar, prometeu conseguir uma entrevista com a madre priora para que eu lhe contasse o meu segredo. Esperei esse dia, contando nos dedos, pois tinha grande esperança de que também pudesse entrar com Paulina no Carmelo. Finalmente chegou o dia, mas não é que minha prima Maria quis ir junto?! Ela me disse: "Viva! Também quero ser carmelita!" E eu: "Olha, Maria, é um privilégio muito grande a gente poder falar com a reverenda madre, temos de tratá-lá com toda educação, dedicação e delicadeza, abrindo o nosso coração e contando todos os nossos segredos. Por isso é melhor entrar uma de cada vez, deixando a outra à vontade". Apesar de sua curiosidade por descobrir segredos, Maria topou a minha proposta e pude ter uma entrevista secreta com a madre Maria de Gonzaga.

A querida Madre ouviu com muita atenção minhas grandes confidências, mas me disse: " Realmente fiquei convencida de sua vocação, minha filha, mas espere até os dezesseis anos, pois não podemos receber postulantes de nove anos". Como foi difícil me conformar com isso, pois já andava fazendo planos de entrar no Carmelo com Paulina. Pensava: "Vou fazer minha Primeira Comunhão no dia da sua tomada de hábito e será maravilhoso se fosse no Carmelo! "

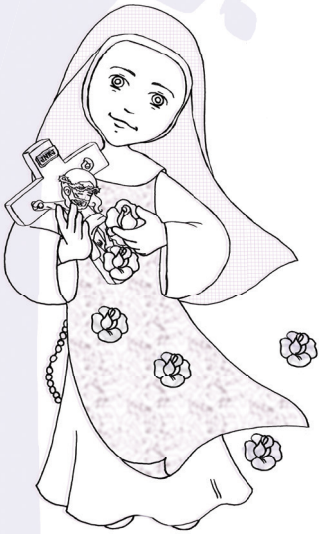
A madre Maria de Gonzaga era uma santa para mim. Nesta época, escrevi uma cartinha a ela: " Às vezes, quando Maria me pede alguma coisa, ainda tenho vontade de lhe responder mal. Por favor, reze por mim, para que o Menino Jesus tampe com flores esses buracos que faltavam para que eu seja boa e, assim, poder oferecer a Ele essas flores, no dia da minha Primeira Comunhão" . Alguns anos depois, quando já estava no Carmelo, no dia em que a madre Maria de Gonzaga morreu, fui bem escondidinha até ela e limpei no meu lencinho sua última lágrima. Depois guardei o lenço com muito carinho: era a última lágrima de uma santa!

Paulina partiu

Lembro-me bem do beijo que pensei ser o último que ganharia de Paulina, pois tinha esquecido que também um dia iria morar no Carmelo. Naquele dia, todos acordamos cedo, as coisas de Paulina já estavam na carruagem. Olhei para ela com lágrimas nos olhos, pensando: " Perdi Paulina para sempre". Senti muita pena de mim mesma: " Minha mãe está no Céu, tenho que passar o dia no Colégio longe do papai e Paulina vai embora para sempre, morar com aquelas irmãs que vi atrás das grades na capelinha branca" .

Era 2 de outubro de 1882 quando Jesus colheu a primeira flor do jardim do papai. Ele, meu tio e Maria foram levar Paulina para o Carmelo, enquanto minha tia levou a mim, Celina e Leônia à missa.

Fomos pela rua chorando tanto que, ao entrar na Igreja, todos se voltaram para ver o que estava acontecendo, mas nem por isso paramos de chorar.



Era tão forte a minha aflição que parecia impossível ainda haver sol que iluminasse a Terra. Depois, à tarde, fui visitar Paulina, que agora era a irmã Inês de Jesus, e só pude vê-la pela gradinha do locutório. Levei um tempão só chorando em todas as visitas que fazíamos a Paulina. Ficava uns três minutinhos sozinha com ela, depois da visita da família, mas eram três minutinhos de choradeira.

Uma doença estranha

Papai trouxe a notícia de que o meu padrinho Paulo havia morrido, aquele que me batizou com Maria. Todos rezamos pelo bom rapaz. À noite, papai nos reuniu e disse: "Meninas, resolvi passar a Semana Santa deste ano de 1883 em Paris. Vou levar Maria e Leônia comigo". Celina e eu, por sermos menores, fomos para a casa de nossa tia com as primas Jeanne e Maria, que ficaram felizes porque teríamos um tempão juntas.

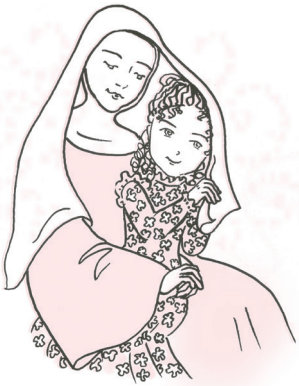
Eu estava sempre com dor de cabeça, dava para suportar, mas me tirava a vontade de brincar. Isso já vinha desde o fim do ano anterior (acho que por inveja do inimigo de Deus, querendo se vingar em mim, por Paulina ter entrado para o convento).

Para complicar, tio Isidoro lembrou-se da mamãe no dia da Páscoa, com palavras tão doces que me encheu de saudade e comecei a chorar. Meu tio, arrependido, fez de tudo para me alegrar, mas naquela mesma tarde comecei a tremer e não conseguia parar. Senti tanta dor de cabeça que o chão desapareceu e parecia que eu estava caindo num buraco horrível. Apavorada, gritei e desmaiei.

Acordei na cama da Maria com um médico olhando para mim. Disseram que eu tive convulsões a noite toda. Senti tanta falta do papai, da mamãe, de Paulina... Queria minha família de volta. Ainda bem que a tia ficou perto da minha cama o tempo todo.

Quando papai chegou, pensou que eu fosse morrer. É que naquela época os médicos sabiam menos que hoje sobre uma porção de doenças. Maria, minha irmã mais velha, cuidou de mim como uma mãe faria, então fui me sentindo melhor. Papai me lembrou: "Dia 6 de abril você poderá ver Paulina tomar seu hábito, mas para isso precisa estar boa". Só em pensar que estaríamos todos juntos de novo comecei a me sentir melhor.

Paulina de hábito



De tanto minhas irmãs e meu pai orarem, ganhei um presente de Jesus. No dia da festa de Paulina, acordei bem, sem nenhuma dorzinha de cabeça. Foi um milagre, era dia 6 de abril de 1883. A festa de tomada de hábito no Carmelo é uma coisa muito bonita de se ver. É um verdadeiro casamento, em que a moça entra na igreja com um lindo vestido de noiva que a família prepara com muito amor para ela.

Durante a cerimônia, a jovem recebe o seu hábito de carmelita, que vai usar por toda a vida. É uma roupa bem simples e significa que a partir daquele momento, aquela moça é consagrada a Nossa Senhora do Carmo. O mais legal foi que abraçamos Paulina porque nesse dia era permitido. Cí aproveitei: sentei em seu colo, me cobri com seu véu, recebi os seus carinhos. Como ela estava bonita com aquele véu branquinho de noviça!

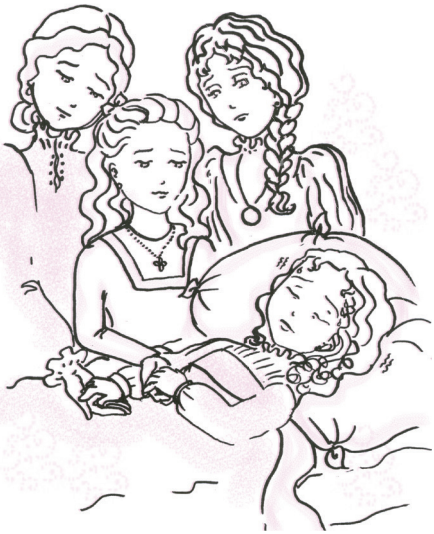
O duro foi tomar meu lugarzinho na carruagem e voltar para casa, deixando Paulina para trás. Em casa me mandaram deitar, embora estivesse me sentindo bem. Obedeci, mas fiquei na minha cama me lembrando daquele lindo dia.

Teresa piora

No dia seguinte à tomada de hábito da Paulina, voltei a me sentir mal. Fiquei tão doente que o médico, doutor Notta, disse ao papai: "Senhor Martin, se prepare para o pior, perdi todas as esperanças de cura". Na verdade, ele nem sabia dizer o que eu tinha. Não sei como contar aquilo que estava sentindo. Eu dizia coisas que não me passavam pela cabeça e fazia outras que não queria. Parecia estar sempre delirando; às vezes ficava durante horas sem poder mexer, mas ouvia tudo que falavam.

Eu, que não tinha medo de nada, passei a ter medo de tudo naquela cama. Via coisas que não existiam, como se estivesse dentro de um pesadelo. A cama, às vezes, parecia rodeada por precipícios, os pregos na parede se transformavam em enormes dedos escuros como carvão, queimados pelo fogo. Isso me arrancava gritos de espanto e lágrimas de minhas irmãs, por não saberem como me ajudar.

Já fazia cinco semanas que eu estava doente e nada de melhorar. Tio Isidoro e tia Celina Guérin, pais da minha prima Maria, vinham sempre me visitar e traziam presentinhos. Mas doente como estava não tinha vontade de nada.



Um dia papai estava ao pé da minha cama, com um olhar triste, quando, de repente, pareceu-me que o chapéu que ele trazia na mão se transformara numa horrível criatura. Gritei tanto que meu pobre pai desatou em choro soluçado e saiu do quarto. Como isso me deixou arrasada!

Maria era quem cuidava de mim. Sentia-me protegida perto dela e tinha menos medo. Ela ficava comigo o tempo todo e, quando saía para comer alguma coisa, eu logo começava a chorar e a chamar: "Maria! Maria!" A pobre Maria vinha correndo me ver. Eu não perdi a consciência, por isso fazia o sacrifício de deixar Maria sair sem dizer nada para duas coisas: quando ia à missa ou quando ia visitar Paulina.

Minhas irmãs Leônia e Celina também passavam horas do seu domingo, em que tinham folga das aulas, ao meu lado. Dava-me pena, porque não podia brincar com elas e tinham de ficar ali perdendo o dia de folga, mas faziam isso com amor, não por obrigação.

O sorriso de Nossa Senhora

Na França, a primavera começa em maio; os campos ficam pintados de papoulas vermelhas, margaridinhas brancas e outras flores. Quando eu melhorava um pouco, minhas irmãs traziam de nosso jardim miosótis e malmequer. Eu tecia com essas flores pequenas coroas para uma imagem de Nossa Senhora das Graças, toda branca, que o papai trouxera para meu quarto, pois minha mãe nos deixou o costume de, em nossa casa, fazermos um altar para Maria nesse mês.

Papai chamou Maria e lhe entregou, com os olhos cheios de tristeza, umas moedinhas de ouro. Disse: "Maria, vá até o Santuário de Nossa Senhora das Vitórias e mande rezar uma novena de Missas pela saúde de nossa pequena rainha". Naquela hora, como desejei melhorar e não dar mais tristeza ao papai, mas foi preciso um milagre.

Era um domingo, dia 13 de maio de 1883, a novena ainda não tinha terminado. Maria estava no quintal e Leônia comigo, lendo perto da janela, quando comecei a chamar baixinho: "Maria, Maria!" Ela logo apareceu, mas continuei a chamar, sem a reconhecer.

Angustiada, a pobre Maria fazia de tudo para que eu a reconhecesse. Tremendo, Maria disse alguma coisa no ouvido de Leônia e saiu. Leônia pegou-me no colo e carregou-me para perto da janela. Lá embaixo, Maria, sorrindo, acenava para mim: "Teresa, minha Teresinha!" Mas continuei chamando por ela. Ela voltou chorando para perto de mim e, com minhas irmãs, se ajoelhou aos pés da imagem de Nossa Senhora. Orou: "Por favor, Mãe, tenha misericórdia de nossa Teresa!"

Esse grito de dor abriu as portas do Céu e, de repente, vi a imagem se animar e já não era mais uma imagem, mas a própria Nossa Senhora, tão linda que não consigo nem dizer o quanto. Seu rosto tinha bondade e ternura, mas aquilo que mais me tocou foi seu sorriso encantador. A Virgem deu alguns passos para perto de mim e sorriu. Chorando de alegria, pensei: "Que feliz que sou!" Depois abaixei os olhos, já não sentia dor, então reconheci minha irmã Maria. Ela estava muito comovida, pois quando me viu cravar os olhos na imagem, sabia que já estava curada.

Minha irmã Maria não sossegou enquanto não contei às irmãs do Carmelo como fui curada, mas elas não pareceram acreditar muito em mim. Isso me entristeceu naquele dia, pois era incapaz de inventar uma história dessas. São João Paulo II acreditou em mim e disse: "A união de Santa Teresinha com Maria foi profunda desde a infância. Foi à experiência inesquecível do sorriso de Maria, contemplado no rosto da estátua, que ela atribuiu sua cura" . Ele chamou minha Nossa Senhora de a "Virgem do Sorriso" .

A viagem de férias

Uns três meses depois da minha cura, papai resolveu levar-me com minhas irmãs numa viagem de recreio até Alençon, pois não tínhamos voltado desde que nos mudamos de lá. Logo encontramos um velho amigo nosso, o Padre Pichon, com quem Maria gosta de se confessar. Ele era tão acolhedor que, ao nos despedir, papai me disse para dar um abraço no querido sacerdote, o que fiz com muito carinho.

Também aproveitamos para levar flores ao túmulo da mamãe. Quando cheguei ao cemitério, me deu um nó na garganta e acabei chorando bastante. O resto das férias foi uma onda de festa, carinho e coisas bonitas que vi. Tinha já 10 anos e achei tudo lindo e maravilhoso. Mas nesses passeios também vi muitas pessoas que, diferente das pessoas lá de casa, não lembravam um dia sequer de Deus. Isso era estranho para mim. Fui sentindo uma tristeza tão grande, que o papai, achando que estava ficando novamente doente, voltou conosco para casa.

Anos depois, já no Carmelo, escrevendo minha vida num caderninho, recordei esse passeio: "Quantas daquelas pessoas que conheci naqueles dias já morreram?! Gente até jovem e bonita. Lembro-me daqueles lugares encantadores em que viveram e onde estarão agora? Que proveito fazem de seus castelos e daqueles parques onde os vi desfrutando do bom e do melhor? Tudo no mundo é vaidade, passa, menos amar aos irmãos e servir só a Deus".

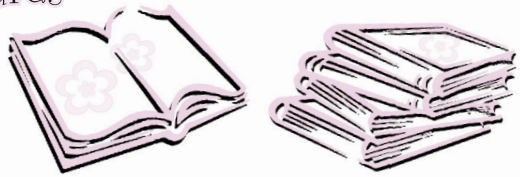
Meu lindo nome

Depois de visitar o Carmelo, fiquei pensando: Que nome escolherei quando for Irmã? Naquela época, as moças trocavam o nome quando se tornavam carmelitas. Paulina passou a se chamar Irmã Inês de Jesus. E eu? No Carmelo já havia uma Irmã Teresa de Jesus. Quer saber... Por nada neste mundo deixaria meu lindo nome, pois mamãe gostava muito dele. Escreve-se, em francês, Thérèse. Pensava comigo mesma: "Que felicidade a minha se me chamassem de Teresa do Menino Jesus!" Um dia, do nada, a madre priora do Carmelo me disse: "Minha filha, no Carmelo você há de se chamar Teresa do Menino Jesus!"

Não tinha como ela saber o que passava no meu coração, fiquei muito feliz, porque percebi que não fui eu que escolhi esse nome, mas o próprio Jesus. Tive certeza disso quando entrei no Carmelo, porque a primeira coisa que vi foi uma linda imagem do Menino Jesus. Todos os dias, a partir daí, eu levei flores para enfeitá-lo.

E por falar nesse Menino Jesus... Um dia, quando já era Irmã Carmelita, estava procurando pelos corredores do Carmelo umas chaves que tinha perdido. Procurei daqui, procurei dali e nada das chaves. De repente, minha alma encheu-se de luz, parei aos pés de uma escada e lá em cima, na entrada do claustro onde ficavam os nossos quartos, vi um menino pequeno, com os braços abertos em forma de cruz, a sorrir para mim. Espantada, pensando como essa criança havia entrado ali, cheguei perto dele bem devagarinho, passo a passo. E Ele me disse: "Como é seu nome? ". Surpresa por me perguntar, respondi: "Teresa do Menino Jesus". Também perguntei: "E o seu? " Ele respondeu: "Meu nome é parecido, é o seu invertido: é Menino Jesus de Teresa". E desapareceu me deixando ali, sorrindo, emocionada. Contei essa história para minhas irmãs, num caderninho onde escrevia minhas memórias.

Gosto de livros com figuras



Você gosta de fazer coleções? Eu colecionava santinhos – era uma mania das crianças da minha época – ficava horas olhando para eles. Por exemplo, a florzinha do pequeno prisioneiro, quando olhava essa figurinha, já imaginava ser uma florzinha para consolar Jesus à beira do Sacrário, para que Ele me visse e colhesse para si, igual a florzinha que consolou o pobre Menino prisioneiro.

Também gostava muito de ler, até hoje lembro de cor as fábulas de La Fontaine. Além disso, as meninas da minha época também gostavam de escrever e declamar poesias, aprendiam a bordar, pintar e tocar piano. Eu gostava muito de fazer tudo isso, até escrevi algumas poesias, peças de teatro e letras de músicas...

Em casa tinha tempo certo para tudo. Era um tal de: "Teresa, acabou o tempo, vá tomar um pouco de sol lá fora!" E não adiantava reclamar. Maria mandava e eu tinha de parar de ler, às vezes bem na parte mais legal da história, para sair e tomar sol.

Gostava das histórias de aventura, como dos heróis da França, principalmente Joana d'Arc. Mais tarde, quando já era freira, escrevi uma peça de teatro no Carmelo contando a vida dela e montei um grupinho para encená-la nos recreios das irmãs. Eu mesma fui a Joana! Tirei até um retrato vestida de Joana d'Arc, com peruca e tudo.

Um dia, estudando a história de Joana d'Arc, me peguei sonhando acordada... Como eu gostaria de ser igual a ela! Mas Jesus contou-me dois segredos, daquele jeito que a gente não ouve com os ouvidos, só com o coração. O primeiro: a única e verdadeira glória é aquela que há de durar para sempre. Não adiantaria nada ficar famosa em toda França e não ir para o Céu. E o segundo segredo: não é preciso fazer grandes coisas para alcançar esta glória, mas fazer tudo de um jeito que a nossa mão esquerda não saiba o que fez a direita. Fazer por amor, não para se mostrar.

Preparação para a Primeira Comunhão

Uns três meses antes da minha Primeira Comunhão, ganhei um lindo livrinho da Paulina, quer dizer, da irmã Inês de Jesus. Escrevi a ela agradecendo: "Nunca vi coisa mais bonita. Não me canso de olhar para ele". Na capa tinha a estampa de uma pombinha oferecendo o coração para Jesus e, no início do livro, uma oração: "Jesus, encontre-se tão confortável em meu coração que não pense mais em voltar para o Céu".

As orações eram todas para o Menino Jesus. Motivada por elas, fazia todos os dias sacrifícios e atos de amor que eram para mim como flores: violetas, rosas, centáureas, malmequeres, miosótis... Todas as flores da natureza de uma vez, para enfeitar um berço em meu coração onde Jesus viria me visitar na Eucaristia. Como esse pequeno livro me ajudou.

Todas as noites, eu sentava perto de Maria para ouvi-la falar de Jesus na Eucaristia. Falava com tanto entusiasmo que eu pensava: "Maria parece um guerreiro ensinando seu filho a usar as armas antes da batalha". Ela me dizia: "Teresinha, tudo isso que você está aprendendo são riquezas, tesouros que não acabam nunca. Guarde tudo no cofre de seu coração, dia a dia, para ser uma boa cristã". Como ela falava bem!

Um dia até lhe disse com toda a sinceridade de meu coração: "Maria, tenho pena de ser só eu a ouvir suas aulas de catequese. Acho que se os maiores pecadores a ouvissem se converteriam, deixariam todas as riquezas desta terra e só iriam querer saber dos tesouros do Céu!"

Ponho-me a pensar

Um dia, uma das minhas professoras na Abadia perguntou-me: "O que você faz nos feriados?" Respondi meio tímida: "Escondo-me, às vezes, num cantinho do meu quarto, fecho todas as cortinas de minha cama e ponho-me a pensar".

Era costume na Europa, por causa do inverno rigoroso, antes da invenção do aquecedor, usar cortinas grossas em volta das camas. A professora, sorrindo, disse: "Mas em que você fica pensando?" Eu respondi: "Penso em Nosso Senhor, na rapidez da vida, no Céu. Enfim... Penso". Mesmo depois que deixou de ser minha professora, a Irmã vivia me perguntando: "E então, Teresa? Ainda continua pensando?"

Hoje sei que quem me chamava para "pensar" era Deus. Era Ele quem ia me ensinando de mansinho, falando em meu pensamento.

A Primeira Confissão

Dali a algum tempo, chegou o dia de fazer minha primeira confissão. Paulina me disse: "Olha, Teresinha, você não vai confessar os pecados a um homem, mas ao próprio Deus". Então perguntei muito séria a Paulina: "Tenho, então, que dizer ao Padre Ducellier que o amo de todo meu coração, já que vou falar com o próprio Deus na pessoa do padre?"

Chegou o grande dia! Paulina me arrumou e fomos para a Catedral de Saint Pierre. Aproximei-me do confessionário e me ajoelhei. Quando o padre abriu a portinha da grade, não viu ninguém, porque eu era muito pequena e minha cabeça ficava por baixo da tábua onde as pessoas colocavam as mãos. Então o padre me mandou ficar em pé e, olhando bem para ele, fiz a minha primeira confissão. Recebi a grande bênção com fé, pois Paulina havia me dito que as lágrimas do Menino Jesus por nossos pecados, na confissão, purificavam a alma da gente. Padre Ducellier me aconselhou, principalmente, a ter devoção à Santíssima Virgem e prometi a mim mesma redobrar minha ternura para com ela.

Depois da confissão, fui toda contente encontrar Paulina, que me esperava na igreja. Corri para ela quase gritando: "Paulina, confessei! Nossa, como estou leve! Acho que até hoje nunca experimentei uma alegria tão grande!"

O terço bento

Esqueci de contar: antes de sair do confessionário, pedi ao Padre Ducellier que abençoasse meu terço. Já era noitinha quando Paulina e eu voltávamos para casa. Naquela época, não havia luz elétrica e as ruas eram iluminadas por lampiões. No primeiro lampião aceso que encontrei, parei. Tirei meu tercinho do bolso e olhei para ele, examinei-o de todos os lados. Paulina perguntou: "O que está olhando, Teresinha?" Respondi: " Estou vendo o que é que tem de especial um terço bento" . Paulina riu. Eu ainda estava encantada com a graça que recebera de Deus por ter confessado naquele dia. Continuei a confessar nas festas da Igreja com grande alegria dentro de mim, em minha alma de criança. Como estava feliz andando pelas ruas de Lisieux com minha irmã naquela noite!

Na velha Catedral de Lisieux, onde me confessei, ia todas as tardes participar da Santa Missa, até o dia em que entrei no Carmelo.

Sabia que...

Muitos anos depois, dia 7 de junho de 1944, aquelas lindas casas com lampiões ao redor da praça da Catedral em Lisieux foram destruídas pelas bombas da Segunda Guerra Mundial. De 2. 900 casas que havia em Lisieux naquela época, só sobraram 800; até a velha abadia onde Teresa estudou foi pelos ares. Ainda bem que Deus mandou Seus anjos para protegerem a casa onde ela viveu, o Carmelo e a Catedral de Sainte Pierre, do século XII. Foi um milagre e tanto ela ter escapado, já que tudo ao redor foi destruído.

O gr

Viva! Estava finalmente chegando o dia da minha Primeira Comunhão. Era costume as crianças fazerem um retiro em preparação na Abadia, onde eu estudava. Nesses dias, não voltávamos para casa, dormíamos todas num quarto enorme com muitas camas, cada uma com cortinas, era até bonito de ver.

A mestra-geral da Abadia era uma irmã muito boa e me tratava como sua filha, talvez por eu não ter mais minha mãe na terra. Todas as noites ela ia de cama em cama ver se estávamos bem. Sempre trazia seu lampião para nos iluminar. Lembro-me de uma vez em que abriu minha cortina e deu-me um beijo de boa noite, então eu lhe disse: "Quero tão bem à senhora que vou lhe contar um grande segredo". Então puxei misteriosamente meu precioso livro do Carmelo, que tinha escondido debaixo do meu travesseiro. Mostrei-o com os olhos brilhando de alegria. Ela pegou o livrinho, folheou-o e, ao me devolver, disse: "Se dê por feliz, minha filha, por ser tão privilegiada". Ela entendeu que eu queria ser uma Irmã Carmelita. Nem precisei falar nada.

O retiro

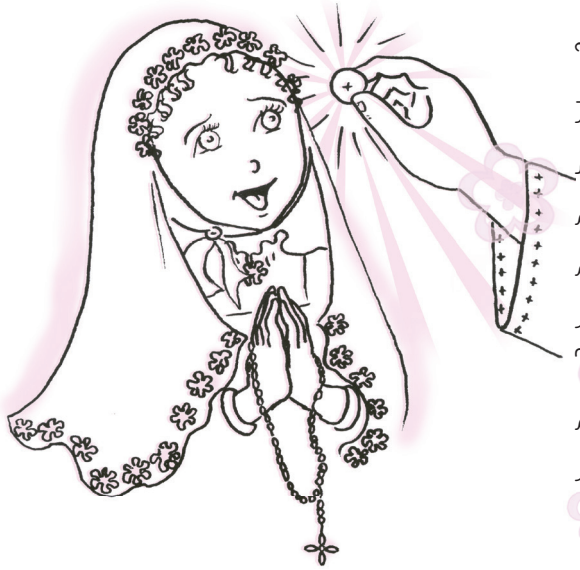
O retiro foi muito legal, durou quatro dias. Lembro-me bem do padre Comim. Tudo o que ele falava eu resumia e anotava em meu caderno, mas os pensamentos bonitos que vinham à cabeça a respeito das coisas que falava, não precisava escrever, porque achava fácil lembrá-los depois. Como gostei de participar!

Estava com meu crucifixo, que ganhei da Leônia, preso na cintura, como os missionários faziam. Uma irmã disse: "Que bonitinha, ela está imitando a sua irmã carmelita". Pensava na Paulina muitas vezes, porque sabia que ela estava se preparando para fazer seus primeiros votos, no mesmo dia em que eu receberia Jesus pela primeira vez. É por isso que esses dias tiveram para mim encanto dobrado.

O dia da minha Primeira Comunhão

O dia mais lindo para mim foi 8 de Maio 1884; eu tinha 11 anos. Lembro-me de tudo: a alegria de acordar, os beijos das professoras, das colegas, nossas roupas brancas como flocos de neve e, principalmente, a entrada na capela ao som do hino: "Altar Sagrado, que os anjos mil rodeiam". Foi um dia tão perfeito! Mais bonito do que consigo contar.

Você lembra a hora em que recebeu Jesus pela primeira vez? Eu lembro direitinho: que suave foi recebê-Lo em minha alma... Voltei até meu lugar no banco, me ajoelhei e senti o quanto Jesus me amava. Então falei para Ele: "Eu também Te amo, ó Meu Jesus. Quero ser Tua por toda a minha vida".



Eu já era amiga de Jesus, havia muito tempo que conversava com Ele. Mas, nesse dia, aconteceu mais que isso: eu e Jesus ficamos sendo um só. Virei uma gotinha de água no oceano, ficando só Jesus.

Quando abri os olhos, senti uma alegria tão grande que até chorei, caíram grossas lágrimas de meu olhos. Minhas companheirinhas diziam: "Por que será que ela está chorando? Será que recebeu Jesus de consciência pesada?" E outras: "Que nada, ela deve estar sentindo a falta da mãe e da irmã Carmelita". Ninguém percebia que quando a alegria do Céu desce num pobre coração fraco e mortal aqui na terra, ele não aguenta sem desabar um rio de lágrimas. Pensei: "Como posso sentir falta da mamãe se quando Jesus vem nos visitar, vem com Ele todo o Céu e mamãe está lá. Choro é de alegria!"

Um dia de festa

Depois da Primeira Comunhão na Abadia, era costume as irmãs prepararem, à tarde, a Consagração das crianças a Nossa Senhora. Por não ter minha mãe aqui na terra, fui escolhida para escrever a consagração em nome de todas as crianças. Pedi, então, de todo o coração: "Santíssima Virgem, me tome debaixo de sua proteção". Durante a consagração, lembrei-me do dia em que ela sorriu para mim.

Nesse mesmo dia, papai tomou-me pela mão e fomos todos visitar Paulina no Carmelo. Não chorei, pois estava muito feliz em vê-la com sua coroa de rosas e seu véu branco, como o meu.

Já em casa, ganhei uma festa com a família. Tio Isidoro, tia Celina e as meninas também vieram. O papai me deu um presente. Quando abri, era um relógio de ouro, daqueles de bolso. Eu disse: "Que lindo relógio, papai!" Ele entendia do assunto, pois tinha uma relojoaria quando morávamos em Alençon.

Toda a alegria da festa não me tirou a paz, nem a verdadeira felicidade de ter recebido Jesus em meu coração. A noite chegou e tudo lá fora ficou escuro, pensei: "Até os dias mais bonitos nesta terra são seguidos por escuridão. Vou gostar do Céu, pois lá viveremos em eterna Comunhão com Jesus e nunca é noite".

A espera da santa Comunhão

O dia seguinte estava nublado e nem os elegantes vestidos e os lindos presentes que ganhei me enchiam os olhos. Sentia saudade de Jesus, só Ele podia satisfazer meu coração... Depois da Primeira Comunhão, não via a hora de chegar a segunda, a terceira, a quarta...

Finalmente chegou domingo: festa da Ascensão. Lá fui eu com minha família à missa. Quando recebi Jesus, ajoelhei-me entre papai e Maria e foi igual à primeira vez: chorei até não poder mais. Lembrei que tinha lido na Bíblia, na carta de São Paulo: "Já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim". Fiquei repetindo essa frase para Jesus.

Um dia antes de comungar, Maria sempre me preparava, como fez em minha Primeira Comunhão. Lembrando-se dos santos, ela me disse: "Teresinha, alguns santos sofreram muito, como Jesus sofreu na Cruz". E sorrindo, completou: "Mas acho que Deus não levará você por esse caminho, pois a trata sempre como criança". Fiquei pensando naquilo e, durante a Comunhão, pedi: "Jesus, também quero sofrer, porque acho muito bom poder ser parecida com o Senhor".

Em outra vez em que recebi Jesus na Eucaristia, orei assim: "Jesus, ajude-me a amar somente a Deus e só Nele encontrar alegria". As duas coisas aconteceram como pedi.

Crisma

Fiquei novamente em retiro na Abadia, mas dessa vez em preparação para receber o Sacramento da Crisma. Não entendo como alguém pode achar que esse Sacramento de amor não é importante, pois eu não via a hora da visita do Espírito Santo. Infelizmente, tiveram que adiar o dia da Crisma; com isso o retiro ficou mais comprido e eu gostei. Pensava: "Sou como os apóstolos que esperavam o Consolador prometido por Jesus. Vou me tornar uma cristã perfeita confirmando meu batismo, agora porque eu quero! Já pensou?! Ser eternamente gravado em minha cabeça o Sinal-da-cruz misterioso deste Sacramento!"

Chegou o dia. Não senti o "vento impetuoso" de que fala a Bíblia, nos Atos dos Apóstolos. E sim a "suave brisa", igual a que o profeta Elias sentiu no Monte Oreb; esta sim percebi. Com o Espírito Santo eu sabia que estaria forte, até para sofrer por Jesus, caso fosse preciso.

Minha vida de estudante

Nos estudos, eu tinha facilidade em entender e guardar tudo que ouvia, mas dificuldades para aprender a escrever bem o francês. Nas aulas de Catecismo ia muito bem e o padre Capelão me chamava assim: "Minha doutorazinha!"

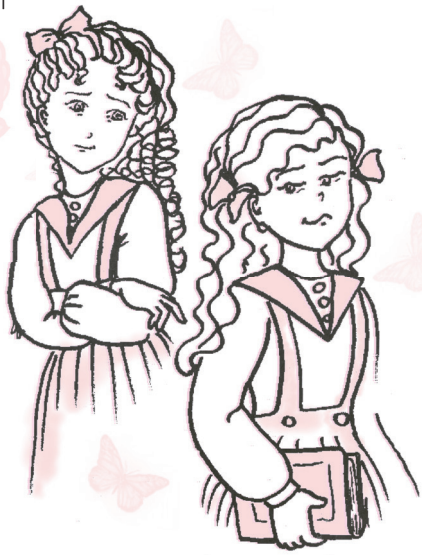
Você sabia que...

Desde 19 de dezembro de 1998, o então Papa, São João Paulo II, aproveitou o Dia da Jornada Mundial das Missões e fez uma surpresa: deu a Santa Teresinha o título de Doutora da Igreja?!

Nos recreios, gostava de ficar olhando as meninas brincarem e pensar na vida. Também gostava de procurar passarinhos mortos em baixo das árvores para depois enterrá-los com toda honra num mesmo lugar, que era meu "cemitério" de passarinhos, à sombra de uma árvore. Às vezes, colocava-me a contar histórias que até as alunas mais velhas vinham ouvir com as mais novas. Mas tive de parar com essa profissão de contadora de histórias porque nossa professora me proibiu. Dizia: "O recreio é feito para brincar. Antes quero ver vocês a correr que a conversar".

Colegas de classe

Escolhi duas colegas da minha idade para serem minhas amigas. Uma delas teve de ficar alguns meses sem ir à aula; quando voltou eu, toda alegre, lhe disse: "Quero que saiba que o tempo não fez diminuir em nada nossa amizade e que estou feliz por sua volta!" Mas, para minha decepção, só consegui dela um olhar indiferente; tive um profundo desgosto em ver que minha amizade não significava nada para ela. Pensei: "Nunca mais vou mendigar a amizade das pessoas. Hoje elas nos querem bem e amanhã não querem mais". Depois pensei: "Nem todas são assim... Eu quando quero bem a alguém, quero bem pra sempre. Depois, já tenho um coração repleto da amizade de Jesus e não preciso que gostem de mim em troca". E continuei sendo amiga da menina e rezando por ela por muitos anos.



No colégio da Abadia, as meninas diziam assim: "De todas as professoras, eu gosto mais da Irmã Fulana". E outra: "Eu gosto mais da Irmã Sicrana". Bem que eu tentava imitá-las para ser igual, ter assunto, mas não conseguia. Deus me protegeu. Como eu sei que foi Deus? É que, depois de grande, fui entender que quem busca só carinho e amor nas pessoas vive se magoando, como aquelas pobres mariposas voando em volta das lâmpadas... Você já viu? De repente: Izzzz... Queimam as asas. Pois é assim, as pessoas não conseguem amar como a gente precisa ser amado.

Mas quem busca o amor de Deus, não liga se um colega o ofende; perdoa e continua amigo. E por quê? Porque já tem o coração cheio daquele amor que só Jesus tem para dar: o amor de quem morreu na Cruz para nos salvar...

"Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos." (Jo 15,13)

A paciência de minha irmã Maria

No começo da adolescência, uma porção de coisas viram de pernas para o ar dentro de nós. Todo mundo sente falta de uma amiga confidente, alguém a quem podemos contar aquelas coisas que parecem tão grandes e que nos deixam angustiados... Eu tinha minha irmã Maria.

O retiro

Com 12 anos, fiz o retiro sobre a Eucaristia, que as irmãs promoviam para ver se estávamos recebendo Jesus direitinho. Nessa época, fui acometida por um negócio terrível, chamado "escrúpulos" que quer dizer: tudo que eu fazia ou pensava, ficava martelando em minha cabeça se tinha feito certo, se era pecado ou não. Isso me deixava cansada, aparvorada, doente de tanto pensar. O único alívio que eu tinha era quando voltava do colégio e chegava a hora de Maria cachear meus cabelos, como era costume entre as meninas de minha idade naquela época, pois papai fazia questão que sua rainha andasse bem penteada, aliás, as professoras admiravam: "Ela não tem mãe e anda mais bem cuidada que as outras crianças".

Bem, voltando ao assunto, nessa hora que passava com Maria, contava para ela tudo o que tinha pensado, falado ou feito naquele dia e perguntava se alguma coisa fora errada. Depois daquele "blá, blá, blá" todo, ela tinha de me confortar. Este era o único momento de paz que eu tinha, pois logo começava tudo de novo dentro de mim. Isso durou um ano e meio. Imagine só a paciência de minha irmã! Que bom que na adolescência encontrei quem me ouvisse dentro de casa, sem nunca se cansar de mim.

A fita azul

Nas férias, minha tia convidou Celina e eu para irmos à praia, passear numa casa que ela tinha em Trouville. Ela nos levou a todo tipo de divertimento: passear de cavalo, pescar... Até me presenteou com uma linda fita azul-celeste para o cabelo. Senti uma alegriazinha vaidosa ao pendurar a tal fita em minha trança, mas por causa de meus escrúpulos, logo a alegria se transformou em peso de consciência e, ali mesmo em Trouville, procurei uma igreja para me confessar, porque isso me pareceu um grande pecado.

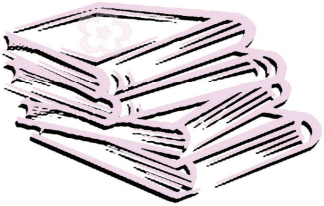
Depois de grande, fiquei sabendo que, mesmo quando cometemos um pecado, não precisamos nos aparvorar, pois o amor de Jesus é muito maior que nossos pecados; é só nos arrependermos, confessarmos e pronto!

As comparações

Maria, minha prima, toda vez que tinha dor de cabeça, começava: "Ai, mãe! Ai, mamãe!" Minha tia ia perto dela, passava a mão em sua cabeça e a chamava pelos nomes mais carinhosos. E mesmo assim, ela continuava choramingando. Eu pensei: "Tenho dor de cabeça todos os dia e nunca me queixo". Gostaria de ter todo aquele carinho com que minha tia tratava Maria, aí inventei de choramigar também. Uma noite, em que senti dor de cabeça, joguei-me numa poltrona no canto da sala e comecei: "Ai, Ai..." Minha tia e minha prima Jeanne correram para ver o que eu tinha: "Que foi Teresa?" Respondi como Maria: "Estou com dor de cabeça". Parece que a lamentação não ficava bem em mim e nenhuma delas acreditou. Minha tia falou como se eu fosse uma pessoa adulta e saiu. Jeanne me disse: "Não tem vergonha, Teresa? Você deve estar chorando por causa de alguns daqueles seus escrúpulos e por não ter confiança na mamãe, fica inventando que está com dor de cabeça". Pensei: "Nunca mais vou imitar ninguém!" Parece até uma história que conheço...

O burro e o cachorrinho

Era uma vez um burro e um cachorrinho. O cachorrinho fazia festinhas para seus donos e colocava as patinhas em cima da mesa para receber carinhos. Vendo aquilo, o burro, com inveja, resolveu também colocar suas pesadas patas sobre a mesa, certo de que ia receber carinhos. Em vez disso, o invejoso teve de sair correndo para fugir das chicotadas. E acabou a história! Não recebi as chicotadas, mas sarei para sempre do desejo de chamar a atenção.



As aulas particulares

Celina, minha irmã, acabou seus estudos na Abadia e eu passei a ir sozinha. Por ter medo de falar ou fazer coisas de que me arrependesse depois e também por não conversar com as outras meninas sem a Celina, ir para a escola tornou-se insuportável, e eu tinha dores de cabeça todos os dias. Papai teve de me tirar da escola aos 13 anos e ganhei uma professora particular.

A senhora Papineau

Ela era boa professora e muito culta. Vivia com a mãe e uma gata que eu tinha de suportar, porque a gata gostava de tirar sonecas em cima dos meus cadernos.

Eu ia, todas as semanas, à casa da professora tomar aulas para poupar da longa caminhada as pernas envelhecidas da senhora Papineau. Sua mãe, senhora Cochain, me olhava com seus grandes olhos claros e falava com voz calma e engraçada: "Senhôrrra Papineau, a senhorrrita Terrrrresa está aqui". E a filha respondia com sua voz de criança: "Já vou, mamãe!" Então eu entrava num quarto com mobília antiga, muitos livros e cadernos, e lá começavam as lições.

E como essas senhoras recebiam visitas! Sacerdotes, moças, senhoras... Quando tinham visitas, eu não aprendia muita coisa, pois ficava com o nariz nos livros e os ouvidos em tudo que diziam.

Pior era quando começavam a me elogiar: "Que menina de cabelos bonitos!" Outros, pensando que eu não ouvia, perguntavam: "Quem é essa menina tão bonita?" Bem que eu sentia uma pontinha de prazer em ser considerada bonita. Mas logo espantava essas vaidades de minha cabeça, lembrando que eu era mais do que uma mocinha bonita, como dizia meu pai. Eu era Teresa que Jesus amava e que um dia seria a Teresinha Dele para sempre! E Jesus, por me conhecer bem, deu um jeito de me retirar cedo do mundo, antes que o mundo me estragasse.

As filhas de Maria

Quando ainda estava estudando na Abadia, participava da "Associação dos Santos Anjos", uma espécie de Clubinho. Eu gostava muito, por causa das orações que rezávamos para os Anjos. Depois que fiz minha Primeira Comunhão, as irmãs trocariam minha fita da Associação, que trazia no pescoço, pela fita das aspirantes a Filhas de Maria, mas como deixei de estudar na Abadia, não poderia continuar e entrar nesse grupo. Que pena!

Pensei comigo: "Todas as minhas irmãs foram Filhas de Maria. Será que Nossa Senhora será menos minha mãe por causa disso?" Então, mesmo morrendo de vergonha, fui contar à irmã que eu queria ser Filha de Maria também. Ela me respondeu: "Está bem, minha filha, mas você terá de vir à Abadia duas vezes por semana à tarde". Só mesmo por Nossa Senhora. Chegava lá e cumprimentava a mestra, ouvia os ensinamentos, participava da lição de costura, mas tudo em silêncio, pois não conhecia nenhuma das meninas. Quando terminava, ninguém vinha até mim, então me dirigia à capelinha e ali ficava até o papai ir me buscar.

Às vezes, quando andava pelo grande pátio do recreio, lembrava-me do meu tempo de aluna solitária e triste. Mas sempre que me sentia sozinha na Terra, pensava na letra da música que papai cantava: "A terra é teu navio, não tua morada". Então pensava em Jesus, na mamãe vindo ao meu encontro, nos pequenos anjos, meus irmãos. Sabia que um dia a família toda estaria novamente reunida e para sempre no Céu. E ficava alegre outra vez.

Meu quarto no sótão

Adolescente gosta de ter um cantinho com a sua cara, não é?! Eu também gostava do meu: era um quarto no sótão que minhas irmãs mais velhas usavam como ateliê de pintura antes de entrarem no Carmelo. Como não o usavam mais, resolvi tomar posse dele e ajeitei-o a meu gosto.

Era um verdadeiro bazar de curiosidades, um museu, um lugar para rezar, um jardim e um viveiro, tudo junto! Na parede do fundo, havia uma grande cruz de madeira preta, sem o Cristo, e alguns desenhos de que eu gostava, colocados por toda parte. Em outra parede, coloquei uma cesta cheia de musselina, fitas, ervas finas perfumadas e flores secas. Em outra, o retrato de minha Irmã Paulina com 10 anos reinava sozinho. Debaixo desse retrato, havia uma mesa onde coloquei minha grande gaiola com meus pássaros de estimação. O canto melodioso deles atordoava as visitas, mas eu achava lindo. Entre meus passarinhos, eu tinha um canarinho que cantava maravilhosamente, tinha também um pequeno pintassilgo que não tinha pais para ensiná-lo a cantar, mas ouvindo o dia todo seu companheiro, o canarinho quis imitá-lo... Esse empreendimento era difícil para um pintassilgo.

Pobre pintassilgo, sua voz delicada teve dificuldade de se afinar à voz vibrante do canarinho. Era lindo ver os esforços do pequeno; no fim conseguiu cantar igual ao mestre. Falando nisso, eu também aprendi a cantar imitando, com minha irmã Paulina e agora tenho o consolo de ouvir dizer que a minha voz parece com a dela, que é tão linda.

Havia também no meu sótão, um pequeno móvel branco com meus livros de estudo, cadernos etc. Em cima dele, coloquei a imagem de Nossa Senhora que sorriu, cercada sempre de vasos com flores vivas e centenas de conchas. Também tinha caixas de cartolinas pelo chão. E, para arrematar, meu jardim suspenso com as flores mais raras que eu podia encontrar. Também tinha uma jardineira com minha planta preferida perto da janela. Além de outra mesinha, com um tapete verde em cima, onde coloquei, bem no centro, minha ampulheta – um tipo de relógio de areia – e uma pequena estátua de São José. Um porta-relógio, uma corbelha de flores, um tinteiro etc. E para complementar a mobília ainda havia algumas cadeiras mancas e ainda a cama de bonecas que foi da Paulina, que fiquei com dó de tirar porque lembrava ela. Esse quarto era um mundo para mim, porque lá gostava de ficar horas sozinha, estudando, rezando ou só pensando. Eu poderia até escrever um livro, como um tal escritor Francês, Xavier de Maistre, chamado *Viagem ao redor do meu quarto*.

Maria logo partirá

Era agosto de 1886 quando eu soube que Maria também iria para o Carmelo e ainda naquele ano. E agora? Maria sabia tudo o que se passava em minha alma e o quanto eu também queria ir para o Carmelo. Eu não tinha contado a mais ninguém de casa a minha vontade. Logo que eu soube da resolução de Maria, decidi não encontrar mais prazer sobre a terra, nem meu quarto no sótão interessava mais.

Maria sempre pensava em tudo. Até umas argolas ela pediu que papai pusesse no balanço do jardim para que eu fizesse exercícios. Eu era alta para a idade, com um metro e sessenta e dois; Maria, temendo que eu ficasse corcunda, obrigava-me a alongar nas argolas, apesar de não gostar da ideia. Eu pensava: "Como tanto Maria que não posso viver sem ela!" Papai fez de tudo para nos alegrar, até levou Celina e eu para passearmos por um mês em Alençon, deixando Leônia em casa com Maria, pois ela precisava aprontar tudo para a entrada no Carmelo.

Tínhamos gostado muito do passeio a Alençon da primeira vez, mas agora não adiantou nada: foi uma choradeira só. Lembro que fomos visitar o túmulo da mamãe e esqueci de levar o buquê de centáureas que havia colhido para ela: outra crise de choro... Francamente, ficava triste com tudo! Nessa época, quase fiquei com fama de ser fraca de caráter. Bem que eu não queria ser tão chorona, mas não conseguia segurar. O negócio é que sozinho ninguém consegue nada, todo mundo precisa de ajuda e a minha veio do Céu... Eu conto depois.

A surpresa de Leônia

Quando voltamos do passeio a Alençon, Maria estava com as malas prontas para ir ao Carmelo, mas... Cadê Leônia? Maria olhou para meu pai, que já sabia da história. E ele, meio encabulado, nos contou: "Leônia, minhas filhas, a esta hora, já veste o hábito das Clarissas. Ela resolveu, de repente, fazer uma experiência com essas irmãs. Partiu dia 7 de outubro". Como assim? Ninguém estava preparado para isso, pois ela não tinha falado nada sobre sua vocação. Celina e eu nos olhamos e, como nós, papai também achava aquilo muito precipitado e meio cômico, mas ninguém falou nada porque Maria não via motivo para risos. Pensei: "Leônia foi embora assim? Eu a amo tanto e nem pude beijá-la antes da partida".

Papai nos levou para visitar Leônia e deu um aperto no coração quando vi o Convento de Clarissas. Leônia nos disse: "Olhem bem para meus olhos, porque não deverão vê-los mais". É que as Irmãs Clarissas, daquele Convento e naquela época, só apareciam na frente das pessoas olhando para baixo. Saí do convento muito triste, pensando comigo mesmo: "Já foram Paulina e Leônia, e daqui a três dias irá também Maria".

Três meses depois de ir para o convento, Leônia voltou para casa porque percebeu que não tinha vocação para Clarissa, assim pudemos ver novamente seus lindos olhos azuis.

Finalmente chegou para Maria o lindo dia 15 de outubro de 1886. Lindo para ela, porque para mim foi bem triste. No Carmelo ela passou a se chamar Irmã Maria do Sagrado Coração.

Pensei: "Minhas irmãs, Paulina e Maria, são como pombas que voaram do ninho paterno, e as outras que ficaram – eu, Celina e Leônia – queremos fugir também". Mas nossas asas eram ainda muito fracas.

Os quatro anjinhos

E agora? Para quem ia contar minhas confidências? Então me ajoelhei aos pés da cama e orei: "Meus quatros irmãozinhos que já estão no Céu... Se vocês ficassem aqui na terra, provavelmente teriam me demonstrado carinho, mas como estão no Céu, aí no meio dos tesouros de Deus, não se esqueçam de mim: devem tirar deles a paz para mim e me mostrar que no Céu também sabem amar!" Quando terminei essa oração, senti uma onda deliciosa de paz dentro de minha alma. Compreendi: "Se sou amada na terra, também sou amada no Céu".

Dilúvio de lágrimas

Celina e eu dormíamos no mesmo quarto e era ela quem o arrumava. Querendo agradar a Deus, às vezes corria para arrumar nosso quarto antes dela ou recolher os vasos de flores à noite, para que não morressem com o frio.

O problema era minha sensibilidade. Eu fazia tudo com boa intenção, mas se Celina não elogiava, eu caía no choro. Pode uma coisa dessa? Era para agradar a Deus ou a Celina? Pensava: "O que é que eu faço? Meu Deus, me ajude, já tenho 14 anos, como é que vou para o Carmelo, sentimental feito uma criancinha de fralda?" E chorava por ter chorado. Por mais que eu pensasse num jeito de melhorar, sozinha não conseguia. Então busquei socorro: "Jesus, por favor, ajude-me a corrigir esse desagradável defeito". E o Senhor ouviu minha oração. Eu ainda era adolescente quando voltei a ser feliz. Foi assim...

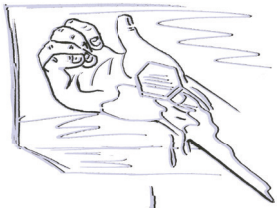
A graça de Natal

Era dia 25 de dezembro de 1886. Voltávamos da Missa do galo, com Jesus no coração, que recebemos na Comunhão. Já era madrugada, pois a missa havia começado à meia-noite. Lá fora fazia muito frio, mas a nossa casa estava quentinha, por causa da lareira acesa.

Todos os anos, papai depositava doces e presentinhos em meus sapatos, como era de costume. Enquanto subia a escada para tirar o chapéu em meu quarto, papai, que estava cansado e com sono, olhou para meus sapatos na lareira e falou desanimado: "Ainda bem que este é o último ano".

Celina viu as lágrimas em meus olhos e pensou: "Meu Deus, ela vai virar uma cachoeira de lágrimas". Alcançou-me e disse: "Oh, Teresa, não desça. Vai te causar tristeza ver os sapatos agora". Mas eu não era mais a mesma: recebi uma graça de Natal. Segurei as lágrimas e desci correndo, disfarçando as batidas fortes de meu coração. Peguei meus sapatos fazendo a mesma festa de todos os anos. Ao lado do papai, que ria da minha alegria, fui tirando todos os meus presentes. O que aconteceu comigo que não fiz a mesma choradeira de sempre? É que pensei mais em meu pai do que em mim. Vi que ele estava cansado e o compreendi. Jesus fez em um minuto aquilo que eu tinha lutado 10 anos para conseguir: devolveu a força da minha alma que perdi aos quatro anos com a morte da mãe. De repente, meu coração ficou cheio de vontade de me esquecer de mim mesma para pensar nos outros. E a partir daí fiquei feliz. Sarei da choradeira, já não era mais uma menina, mas uma moça crescida. Nessa linda noite de Natal começou o tempo mais bonito da minha vida e o mais cheio das graças do Céu.

Mudei tanto que, quando já era uma noviça no Carmelo, tinha uma Irmã que dizia: "Mas o que é que tem essa Irmã Teresa, que vive alegre e não perde esse ar de riso?" E eu respondia: "Pois foi Deus quem me deu a graça de não mais ficar triste com as coisas que passam. Agora vivo alegre".



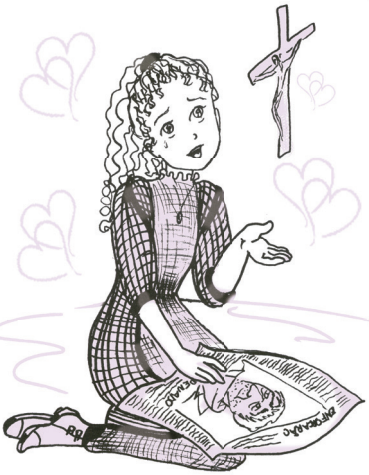
Tenho sede

Voltando aos meus quatorze anos... Era domingo e eu estava fechando meu livro de orações depois da missa, quando vi uma figura de Nosso Senhor pregado na Cruz. Eu me impressionei com o sangue saindo de uma de Suas mãos divinas. Pensei: "Meu Deus! Quanto sangue caindo no chão sem que ninguém se apresse em recolhê-lo... Vou ficar aos pés da Cruz, para recolher eu mesma Seu divino sangue". Como gostaria de estar, de fato, aos pés da Cruz de Jesus, mas Ele me fez entender que derramou Seu sangue para salvar as almas. Pensei: "Não vou deixar que o sangue de Jesus caia por terra, vou espalhá-lo sobre as almas. Tenho de ajudar Jesus a salvar almas para não deixar nenhuma gota deste precioso sangue cair no chão". A partir desse dia, comecei a ouvir o grito de Jesus na Cruz em meu coração: "Tenho sede!"

Nunca senti isso antes, meu peito ardia pela sede de Jesus, sede de salvar as almas dos pecadores.

Pensava que se ninguém fizesse nada por eles, deixariam o sangue que Jesus derramou por eles cair por terra e poderiam ir para o inferno. Queria saciar a sede, de almas, de meu Bem-Amado. Já era a minha vocação de Carmelita desabrochando: a de salvar almas.

Meu primeiro pecador



Prenderam, em Paris, um criminoso chamado Henri Pranzini. Ele havia matado duas mulheres e uma menina. Todos falavam sobre esse crime horrível. E queriam que fosse condenado à morte, pois, em 1887, ainda tínhamos pena de morte na França. Tudo fazia crer que morreria sem se arrepender de seus crimes. Pensei: "Preciso impedir que vá para o inferno". E o que alguém como eu poderia fazer? Nem em Paris eu morava. Mas queria a qualquer custo converter o Pranzini. Usei todas as armas que vinham à minha cabeça: sacrifícios, jejum, apelei para a misericórdia de Deus, para os méritos infinitos de Nosso Senhor Jesus, para os tesouros da Santa Igreja.

Fiz esta oração: "Olha, Meu Deus, eu estou certíssima de que o Senhor perdoará esse pobre infeliz Pranzini, mesmo que ele não demonstre nenhum arrependimento, mesmo que ele não se confesse, acredito na misericórdia infinita de Jesus, mas como é meu primeiro pecador, te peço só um sinal. Isso vai me servir de consolo e de encorajamento para continuar rezando pelos pecadores".

Por fim, pedi a Celina, meio com receio de que zombasse de mim: "Será que poderia mandar rezar uma Missa pela alma deste condenado Pranzini, para que se converta?" Em vez de zombar, ela me disse: "Claro, Teresa. Não sabia que se interessava por este caso". Respondi: "Estou rezando e fazendo pequenos sacrifícios pela alma dele". Para minha surpresa, Celina disse: "Então, de hoje em diante, eu me uno a você. Também vou rezar pela conversão de seu pecador".

A vitória

No dia 13 de julho, Pranzini foi condenado à morte. A partir de então, passei a rezar mais ainda por ele. Sabíamos dessas notícias pelos outros, pois meu pai nos proibia de ler jornais. Porém, achei que não seria desobediência se desse só uma passadinha sobre a notícia de meu pecador.

Dia 1 de setembro chegou o jornal La Croix e abri justo na notícia de que Pranzini tinha sido executado no dia anterior. Ele subiu a escadinha para a guilhotina sem se confessar ou se arrepender. Mas quando estava quase entregando a cabeça para o carrasco, viu ali um pobre com um Crucifixo na mão. Pegou-o e beijou as chagas de Jesus três vezes.

Ah, como fiquei feliz! Estava tão emocionada que tive de me esconder para ninguém ver minhas lágrimas. Sabia que agora Jesus trataria aquela alma com misericórdia. Era o primeiro "filho" que encontraria um dia no Céu. Depois desse dia, meu desejo de salvar almas cresceu ainda mais. Entendi que quanto mais eu matava a sede de almas de Jesus, mais essa sede crescia em mim.

Meus 14 anos

Com a graça que recebi no Natal, começou o tempo mais bonito da minha vida: virei uma moça feliz e contente com tudo. Até arrisquei umas brincadeiras, tipo quando mandei um pente de presente a Paulina, em um primeiro de abril, numa carta anônima. Era para ser engraçado porque freiras de véu não têm onde usar um pente.

Também gostava de aprender, principalmente história e ciências. Não me contentava com o que minha professora mandava eu ler, lia muito mais. Em poucos meses, aprendi mais do que em todos os meus anos de estudo. Mas tomava o cuidado de fazer o sacrifício de ter hora certa para estudar, porque se fosse fazer meus gostos, gastaria todo o tempo com isso. Depois, já Carmelita, usava esses estudos para pensar nas coisas de Deus.

Por exemplo, Arquimedes disse: "Dai-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo". E eu pensava: "Arquimedes, os santos te lograram, pois conseguiram esse ponto de apoio que é o próprio Deus. E a alavanca é a oração". E ria para mim mesma.

Voltando aos meus 14 anos, as carmelitas tinham emprestado a meu pai um livrinho chamado *Imitação de Cristo*. Gostei tanto dele que acabei decorando-o. No verão ou no inverno, sempre o levava no bolso, tornou-se até um divertimento na casa de minha tia que, abrindo-o em um capítulo qualquer, mandava eu dizê-lo de cor. Gostava principalmente de repetir as palavras de amor por Jesus que queimavam meu coração adolescente. Até copiava muitas dessas passagens, como outras meninas copiam poesias de amor.

Um século de invenções

Muitas pessoas do meu século acharam que alguém que falasse em lutar para ser santo estava querendo demais. Nem tinham coragem de pensar nisso. Mas eu tinha e pensava: "Será que querer ser santo é mesmo um sonho alto demais?" Então lembrei-me das invenções...

Você sabia que...

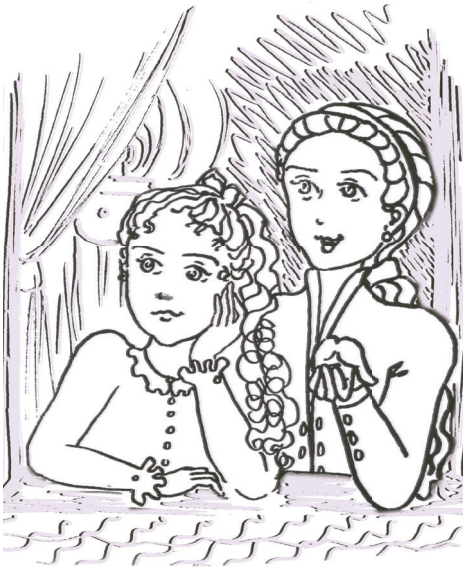
O século XIX foi um século de invenções como a fotografia, as máquinas movidas a vapor, a eletricidade ?! Você vai até rir, porque um elevador nos dias de hoje é a coisa mais simples do mundo, mas não em 1887; era a maior novidade e só os ricos podiam usar um elevador.

O elevador, por exemplo, é uma invenção tão útil, que substitui as escada e com vantagens. Eu só precisava achar um elevador para o Céu... "Já sei: a Bíblia é meu elevador!" Abri a Palavra de Deus em Provérbios 9: "Quem for simples apresente-se!" Me encontrei no que li. Essa Palavra tem tudo a ver comigo.

No Céu, meu divertimento será conhecer aqueles de quem ninguém soube o valor: os santos desconhecidos. E vou querer ouvir suas histórias... Contanto que não sejam demoradas.

Celina, minha confidente

Quando éramos crianças, sempre queixava-me para minha irmã: "Celina, você nunca me conta nada". Ela respondia: "Você é pequena demais, precisa crescer à altura de um banquinho para que eu tenha confiança em você". Ela se achava, por ser três anos mais velha que eu. Mas, depois daquela noite de Natal em que "cresci" por dentro, nem precisei crescer à altura de um banquinho. Celina e eu começamos a conversar de tudo, como duas moças crescidas, e nos tornamos irmãs de alma. Todas as noites íamos até o mirante, e como era doce conversar ali, olhando para a lua branca, subindo por trás das árvores. Os reflexos sobre a natureza, as estrelas cintilando no azul escuro do Céu, o sopro da brisa da noite que fazia as nuvens se moverem, tudo elevava nossa alma para o Céu.



Falávamos de Jesus e juntas resolvemos ser mais santas: "Vamos fazer tudo com mais amor, mesmo que seja preciso fazer sacrifícios". Dizia uma e a outra: "Está certo, mas sem demonstrar para ninguém".

No começo foi difícil, mas deu tão certo que em minha confissão o padre disse-me: "Teresa, estou contente com você neste mês de maio. Por isso lhe dou autorização para comungar quatro vezes por semana e mais uma vez, se houver uma festa da Igreja". Saí do confessionário com lágrimas nos olhos de tão contente.

Você sabia que...

Até 1903, as pessoas não podiam comungar todos os dias, somente aos domingos e, nos outros dias, com autorização de um padre confessor?! Foi o Santo Papa Pio X que permitiu que os fiéis pudessem receber a comunhão diária e autorizou que a Primeira Comunhão fosse ministrada às crianças a partir dos sete anos de idade. Também instituiu o ensino do Catecismo em todas as paróquias e para todas as idades.

Outro dia lembrei: já faz cinco anos que Paulina está no Carmelo. Ela apoia minha entrada com 15 anos, mas Maria me acha muito nova. Leônia resolveu fazer outra experiência vocacional, só que agora com as irmãs da Visitação. Acho que lá irá ser bem feliz.

E Celina? Lembrei-me de Celina e ri: ela estava de luto por causa de seus dois passarinhos azuis que morreram; eu os comprei numa exposição e lhe dei de presente no mês passado.

Precisava contar a Celina e ao papai que desejava partir logo para o Carmelo. Não tinha falado nada ainda a eles, fiquei com medo de que não concordassem, por eu ser a mais nova. Celina, quando soube, me disse: "Eu também quero ser Carmelita, mas se você sente que está na hora, se Jesus a chama primeiro, deve ir".

A hora de falar com papai

Meu coração estava apertado, tinha que dizer ao papai que pretendia entrar no Carmelo com 15 anos. Celina deu a maior força, mas como dizer que eu também iria embora, depois dele ter visto partir suas três filhas mais velhas? Mas precisava falar, porque eu queria que fosse no Natal, e só faltavam seis meses.

Escolhi a festa de Pentecostes e passei o dia todo só pedindo aos Santos Apóstolos que me inspirassem as palavras. Foi um daqueles dias em que passamos com as mãos geladas, com dor de barriga – finalmente chegou a tarde e papai foi passear no jardim. Ele estava sentado num banco perto do poço, com as mãos juntas, contemplando a natureza. Achei bonito ver meu pai ali, com o olhar voltado para o céu, o sol fraquinho da tarde que dourava a copa das árvores altas, os passarinhos cantando. Sem falar nada, fui sentar ao lado dele. O Tom, meu cachorro, ficou por ali nos rondando.

Sabia que...

Santa Teresinha tinha um cão de estimação?! Era um cachorrão branco com manchas marrons que andava atrás dela por toda parte. Até para o Carmelo ele a seguiu e lá viveu até a sua morte.

Papai disse-me: "O que você tem, minha rainha? Conte-me". Levantando-se, saiu andando comigo pelo jardim, segurou minha cabeça em seu peito, o Tom também se levantou e nos seguiu. Disse então ao papai, já com lágrimas nos olhos: "Papai, quero muito ingressar no Carmelo, sinto que está na hora. Gostaria de ir no dia de Natal". Papai respondeu, também chorando: "Mas, minha rainha, você é ainda muito nova para tomar uma decisão tão séria".

Então contei a papai toda a história de minha vocação. Acho que falei tão bem que, por fim, disse-me: "Deus me faz uma grande honra pedindo minhas filhas assim". E falou tantas coisas lindas que não consigo lembrar agora, pois estava muito emocionada.

Chegamos perto de um muro baixo e mostrou-me umas florzinhas brancas de matinho "arrebenta-pedra" que crescia sobre ele. Pareciam lírios em miniaturas. Papai colheu uma e me entregou: "Veja, minha rainha, o cuidado com que Deus conservou essa florzinha até agora". Entendi que o papai estava falando de mim, então ele arrancou a flor com as raízes, para que vivesse ainda, mas em outra terra mais fértil. Por causa desse dia, passei a me comparar com uma florzinha e a falar muito de flores. Foi meu pai quem começou.

Foi difícil convencer todo mundo. Meus tios e os superiores do Carmelo disseram que uma menina com 15 anos não sabe o que quer da vida. Não consegui entrar no Carmelo no Natal, mas papai deu a maior força. Aí começaram as dificuldades...

Lutando por meu sonho

Primeiro meus tios foram contra e meu pai teve dificuldades para convencê-los de que eu tinha maturidade suficiente para tomar uma decisão como essa. Depois foi o Superior do Carmelo que não permitiu meu ingresso antes de eu atingir 21 anos.

Eu e papai fomos, então, falar com o Bispo, Dom Flaviano Hugonin. Viajamos até Bayeux, onde ficava a casa episcopal; estava chovendo muito. Seu secretário, o padre Révérony, veio nos receber. Ele viu que eu estava emocionada, com lágrimas nos olhos, e me disse: "Oh! veja diamantes, não deve mostrá-los ao Bispo".

Dom Hugonin perguntou-me se havia muito tempo que eu desejava ingressar no Carmelo, e eu respondi: "Oh, sim! Muito tempo". O padre Révérony, sorrindo, disse: "Vejamos... Pode-se dizer que faz 15 anos que ela tem esse desejo". Eu respondi, também sorrindo: "Não há muito que retirar, pois desejo fazer-me religiosa desde o despertar da minha razão". Desejei o Carmelo logo que o conheci bem, pois nessa ordem achava que todas as aspirações da minha alma seriam satisfeitas.

Pensando agradar a papai, Dom Hugonin tentou convencer-me a ficar ainda alguns anos junto dele e ficou edificado vendo papai tomar meu partido.

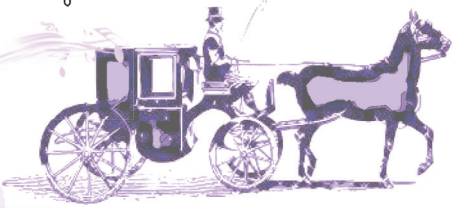
Dom Hugonin nos convidou para conhecer seu jardim, acredita nisso? Ele foi conosco, e notou que eu parecia mais velha que alguém de 15 anos; papai o divertiu muito quando lhe disse que, para parecer mais velha, eu tinha levantado meu cabelo (papai até quis tirar um retrato meu assim).

O fato é que Dom Hugonin não prometeu fazer muita coisa para adiantar minha entrada no Carmelo, uma vez que o superior da ordem já havia me mandado esperar. Meu pai disse a Dom Hugonin que, se fosse preciso, pediria essa graça ao Papa.

Voltei a Lisieux sem resposta... Ah! Quanto sofri! Parecia-me que meu futuro estava abalado para sempre. Mas papai já havia combinado participar de uma peregrinação a Roma com o padre Révérony... E lá fomos nós a Roma falar com o Papa, como se isso fosse a coisa mais simples do mundo.

A viagem

Eram três horas da manhã, quando atravessei a cidade de Lisieux ainda adormecida. Sentia estar me dirigindo para o desconhecido e que grandes coisas me esperavam lá... Papai estava alegre; quando o trem se pôs a andar, cantou este velho refrão: "Corre, corre, diligência minha, eis-nos na estrada real".



Chegamos a Paris, o ponto de partida da peregrinação, onde nos encontramos com o grupo. Nosso pobre pai cansou-se muito a fim de nos agradar, mas logo tínhamos visto todas as maravilhas da capital. A mim, só uma encantou, foi " Nossa Senhora das Vitórias" . Ah! o que senti a seus pés é indescritível... As graças que me concedeu emocionaram-me tão profundamente que minhas lágrimas expressaram sozinhas a minha felicidade, como no dia da minha Primeira Comunhão...

Curta o "diário de bordo", a história completa dessa peregrinação de Santa Teresinha, aqui http://goo.gl/xKHRNf

Primeiro, fomos à Suíça; eu escrevi às minhas irmãs, tentando não me esquecer de nada que vi: "Às vezes, estávamos no cume de uma montanha, a nossos pés, precipícios de profundidade inalcançável pelo olhar pareciam querer nos engolir... Vendo todas essas belezas, surgiam pensamentos muito profundos em minha alma. Tinha a impressão de já estar compreendendo a grandeza de Deus e as maravilhas do Céu...

Aí você pode perguntar: essa menina quis deixar tudo isso, os lugares lindos a que ela poderá viajar e conhecer, as coisas que possuía e as pessoas que amava, para se trancar num Convento? É que... como eu escrevi: "Não terei a infelicidade de apegar-me a palhas, agora que meu coração pressentiu o que Jesus reserva a quem O ama! "

Na Itália visitamos Milão, com sua Catedral de mármore branco, o impressionante Cemitério Monumental com todas as suas estátuas de mármore branco, onde não há como deixar de reconhecer os pensamentos de imortalidade que devem encher o coração dos artistas quando trabalham em suas obras de arte.

Depois, fomos a Veneza, Pádua, e eu vi a língua de santo Antônio e oramos ali; depois Bologna, onde vimos Santa Catarina; Loreto, cidade que Nossa Senhora escolheu para transportar sua casa abençoada. De lá escrevi às minhas irmãs: " Que direi da casa abençoada? Ah! minha emoção foi profunda ao me ver sob o mesmo teto que a Sagrada Família, a contemplar os muros nos quais Jesus fixara Seus divinos olhos, pisando a terra que São José molhou com seus suores, onde Maria carregara Jesus em seus braços, depois de tê-lo carregado no seu seio virginal... Vi o quartinho onde o anjo desceu para perto da Santíssima Virgem... Coloquei meu terço na tigelinha do Menino Jesus... Como essas recordações são maravilhosas! Nosso maior consolo foi receber Jesus em Sua própria casa" .

Enfim Roma

A meta da nossa viagem! Não era um sonho, estava em Roma! O primeiro dia passou-se fora dos muros...

Seria possível ir a Roma sem visitar o Coliseu? O problema era que o centro não passa de um montão de entulho e tinha uma barreira que impedia a entrada. Só uma ideia me atormentava: descer à arena... Olhando bem, soltei um grito de alegria e disse a Celina: "Venha depressa, vamos poder passar! Achei por onde". Logo atravessamos a barreira de entulhos e eis-nos escalando as ruínas que caíam sob nossos passos. Papai olhava-nos espantado com nossa audácia. Celina tinha escutado o guia e lembrou-se de uma certa cruz marcando o lugar onde combatiam os mártires e pusemo-nos a procurá-la. Achou-a e, ao ajoelharmos ali... Meu coração batia fortemente quando meus lábios se aproximaram do pó, onde há séculos fora tingido do sangue dos primeiros cristãos. Pedi a eles a graça de ser também mártir para Jesus.

Seis dias se foram em visitas às principais maravilhas de Roma – as catacumbas; as relíquias de Santa Cecília e Santa Inês, minhas santas mais queridas; a Igreja da Santa Cruz de Jerusalém, onde consegui enfiar meu dedo, que era bem fino, num dos buraquinhos do relicário e tocar o cravo que fora banhado com o sangue de Jesus... Mas foi no sétimo dia que vi a maior de todas...

Teresa e o Papa

Domingo, 20 de novembro, fizemos nossa entrada no Vaticano. Às 8 horas, nossa emoção foi profunda ao ver o Papa entrar, para celebrar a Santa Missa. Meu coração batia muito forte e minhas orações foram fervorosas, a única tábua de salvação que me restava para entrar logo no Carmelo era conseguir falar com o Papa...

Acabou que, por meu pai ter duas filhas já Irmãs Carmelitas e uma da Visitação, conseguimos uma audiência com o Papa Leão III. Nos disseram que o Papa não tinha muito tempo naquele dia e que não podíamos falar com ele. Olhei angustiada para Celina e ela me disse baixinho: "Fala!" Um instante depois, eu estava aos pés do Santo Padre. Tendo eu beijado sua sandália, ele me apresentou a mão. Em vez de beijá-la como devia fazer, pus as minhas na dele.

Levantando meus olhos banhados em lágrimas, eu disse: "Santíssimo Padre, tenho um grande favor para pedir-vos!" Então, o Papa inclinou a cabeça de maneira que meu rosto quase encostou no dele e vi seus olhos pretos e profundos. Eu disse em francês: "Santíssimo Padre, em honra do vosso jubileu, permitai que eu entre no Carmelo aos 15 anos!" E o Papa respondeu em italiano: "Não compreendo muito bem". Ai meu Deus, ele não falava francês, por essa eu não esperava...

Mas o padre Révérony, que acompanhava a peregrinação, me salvou. Disse: "Santíssimo Padre, é uma criança que deseja ingressar no Carmelo aos 15 anos, mas os superiores examinam a questão nesse momento". (Não precisava ter me chamado de criança!) O Papa respondeu: "Então, minha filha, fazei o que os superiores vos disserem". Apoiando minhas mãos sobre seus joelhos, tentei um último esforço e disse com voz suplicante: "Oh! Santíssimo Padre, se dissésseis sim, todos estariam a favor!" Ele olhou-me fixamente e disse: "Vamos... Vamos... Entrareis se Deus quiser".

Dois guardas tiveram que me arrancar dali segurando-me pelos braços, arrastando-me dos pés do Papa. No momento em que estava sendo retirada, o Santo Padre colocou sua mão nos meus lábios, para que eu parasse de suplicar e depois me benzeu. Saí de lá chorando, me sentido uma bolinha furada, não era aquilo que eu queria ouvir.

Como uma bola nas mãos de Jesus

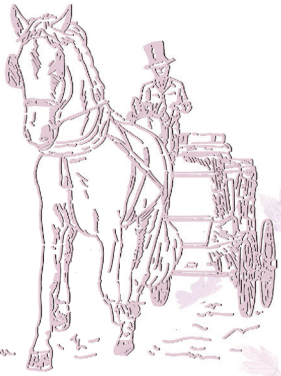
Era uma vez uma bola que se ofereceu para servir de brinquedo ao Menino Jesus...

Era uma dessas bolas sem valor que um menino tem para brincar bastante com ela: atirar no chão, chutar, ou abandonar num canto. A bolinha queria divertir o Menino Jesus e Ele, como todo menino curioso, furou seu brinquedo para ver o que tinha dentro; contente com o que achou, deixou cair a bola e dormiu. Assim eu estava me sentindo, a bola deixada de lado. Mas como essa história não acabou por aí, o Menino Jesus sonhou com a bola e, quando acordou, a apertou contra o coração e nunca mais a soltou.

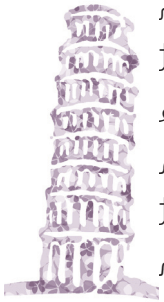
E a peregrinação continua

No dia seguinte a peregrinação continuou. Minha alma estava mergulhada na tristeza, mas, por fora, me esforcei para não demonstrar, pois pensava que não se sabiam do pedido que eu tinha feito ao Papa. Mas logo soube que todas as pessoas da romaria sabiam do meu segredo. Felizmente, ninguém comentou nada comigo.

Passamos em Pompeia, Nápoles, Assis... Após ter visitado os lugares onde viveram São Francisco e Santa Clara, terminamos pelo mosteiro de Santa Inês, irmã de Santa Clara. Fiquei entretida lá, quando percebi ter perdido meu cinto. Quando finalmente o achei, dei conta de que fiquei sozinha, todos os carros tinham ido embora, exceto o do padre Révérony. Que fazer? Pedi carona. Eu parecia um esquilo pego numa armadilha, cercada de um bando de homens e sem o papai, que estaria, com certeza, preocupado comigo. Foi bacana conhecer melhor o Padre Révérony, porque ele prometeu falar mais uma vez com o Bispo e fazer tudo o que pudesse para meu ingresso no Carmelo aos 15 anos. Legal!



Em Florença, fiquei feliz em ver Santa Madalena de Pazzi no meio do coro das carmelitas, muitas pessoas desejavam encostar seus terços no túmulo da santa. Só eu consegui passar a mão, que era a menor de todas, pela grade que nos separava dele, portanto, todos me traziam seus terços e eu estava muito contente com meu ofício. E, depois de ter visitado Pisa e Gênova, voltamos à França.



Escrevi para não me esquecer de nada: "Íamos pela beira-mar e a ferrovia passava tão perto que dava a impressão de que as ondas iam nos alcançar. De repente, uma tempestade. Era noite, o que tornava a cena ainda mais incrível! Também vi pelo caminho planícies cobertas de laranjais, oliveiras, palmeiras. Com a noite, numerosos portos marítimos iluminaram-se com milhares de luzes, enquanto no céu brilharam as primeiras estrelas... Ah! que poesia enchia minha alma vendo todas essas coisas pela primeira e última vez na minha vida... E meu coração aspirava a outras maravilhas.

De volta a Lisieux

Tinha feito tudo o que dependia de mim, tudo, até falar com o Santo Padre. Não sabia mais o que tinha de fazer. Paulina me disse para escrever a Dom Hugonin e lembrar-lhe de sua promessa de falar com o superior dos Carmelitas.

Eu a escrevi, mas esperei alguns dias para enviar a carta, na esperança que a dele chegasse... Enfim, dez dias antes do Natal, minha carta partiu.

Ia todas as manhãs, depois da missa, com papai à agência dos correios e nada, porém, não perdia a fé...

Chegou o Natal e nada... Jesus deixou no chão sua pequena " bola" sem ao menos olhar para ela... Foi de coração partido que assisti à missa do galo, esperava tanto já estar no Carmelo! Essa provação foi muito grande para minha fé... Mas quando cheguei em casa, encontrei no meu quarto, dentro de uma bacia, um barquinho carregando uma pequena imagem do Menino Jesus dormindo com uma bola ao lado Dele. Na vela branca, Celina escrevera as seguintes palavras: " Durma, mas meu coração vela". E, sobre o barquinho, apenas essa palavra: " Abandono! "

Passei o dia de Natal chorando e à tarde fui visitar as Carmelitas e foi grande a surpresa quando, ao abrir-se a grade, vi uma linda imagem do menino Jesus segurando nas mãos uma bola com meu nome escrito nela. Foram minhas irmãs que prepararam essa surpresa. E elas cantaram para mim uma canção que Paulina compôs. Agradeci em meio a lágrimas.

Passaram-se alguns dias e, de repente, uma carta...

Era do Carmelo, de minha irmã Paulina, com a resposta de Dom Hugonin. Ansiosa, abri a carta com o coração disparado, Celina e Papai orando em silêncio por mim, pois não sabíamos o que esperar.

Eu poderia entrar no Carmelo, mas só depois da quaresma, talvez porque me considerassem criança demais para penitências e jejuns e quisessem me poupar. Teria que esperar três meses... Tudo isso!

As crianças

Nesse tempo, Deus me deu uma graça... Sendo a última da família, nunca tinha tido a felicidade de estar com crianças.

Uma pobre mulher, parente da nossa empregada, estava muito doente e duas filhas suas ficaram em casa, a mais velha tinha só 6 anos. Eu cuidava delas o dia todo e era uma grande satisfação para mim ver com quanta inocência acreditavam em tudo que eu falava. Vendo como as crianças são mais abertas às coisas de Deus, pensei: só mesmo uma semente da graça das virtudes de Deus que recebem no batismo pra explicar que as crianças façam até sacrifícios, por amor ao Céu.

Quando queria ver minhas duas meninas bem conciliadas, em vez de prometer brinquedos e bombons àquela que cederia em favor da outra, falava das recompensas que o Menino Jesus daria no Céu às crianças bem comportadas.

A mais velha, que já entendia mais as coisas, olhava-me com olhos brilhantes de alegria, fazia-me mil perguntas sobre o Menino Jesus e Seu belo Céu e prometia-me com entusiasmo ceder sempre em favor da irmã, dizendo que nunca na vida esqueceria o que lhe havia dito a "grande senhorita", pois era assim que me chamava...

Vendo de perto essas almas inocentes, compreendi ser grande infelicidade não formá-las bem desde pequenas, quando são como uma cera mole sobre a qual se pode depositar tanto as impressões das virtudes como do mal... Compreendi o que Jesus disse no Evangelho: que seria melhor ser lançado ao mar do que escandalizar uma só dessas crianças. Ah! quantas almas chegariam à santidade se fossem bem dirigidas! Como os passarinhos aprendem a cantar escutando seus pais, assim as crianças aprendem as virtudes, o canto sublime do Amor de Deus, junto às almas encarregadas de as educar.

Enfim o Carmelo

Enfim, chegou o momento tão desejado. O Papa tinha dito: "Entrareis se Deus quiser!" E Deus quis!

No Carmelo tinha uma porta que dava entrada para clausura. Meu pai me acompanhou de braços dados até essa porta, meus tios, primas e irmãs também foram para se despedir, todos choraram, menos eu, mas meu coração batia tão forte que parecia que eu ia morrer...

Ah! que momento aquele. É preciso ter vivido para saber como é... Ali mesmo, depois de ter abraçado todos da minha família, pus-me de joelhos na frente de meu pai e disse: "Por favor, meu rei, me abençoe". Ele se ajoelhou também e, chorando, me abençoou. Eu entrei e a porta fechou. Enfim, meus desejos estavam realizados, minha alma gozava de uma paz tão suave e tão profunda que eu não sei explicar. Com alegria profunda repetia estas palavras: É para sempre, sempre, que estou aqui!

Continua...

Continua no livro que Santa Teresinha escreveu: *"História de uma Alma"*. Como esse livro caiu em domínio público, você pode baixá-lo aqui: http://goo.gl/mEIrIK

Curiosidades

Santa Teresinha foi para o Céu aos 24 anos, em 1897. Foi canonizada por Pio X, que a chamou de "a maior entre os santos modernos". Foi proclamada Doutora da Igreja pelo Papa João Paulo II em 1997.

Curiosidades

Um mês depois de a Princesa Isabel ter assinado a lei Áurea, libertando os escravos no Brasil, em 13 de maio de 1888, na França em 9 de abril de 1888, Santa Teresinha entrou no Carmelo de Lisieux.

Você reparou que nessa foto de Maria, a irmã mais velha de Teresa, ela está com um vestido do mesmo modelo que Celina e Teresa?! Nessa época, eram poucas as máquinas de costura e indústrias; as roupas eram costuradas à mão, ponto por ponto, com uma agulha, a partir de um molde... Já pensou a trabalheira?! Toda menina aprendia a costurar, bordar, para fazer suas próprias roupas...

No Carmelo, Santa Teresinha costurou camisolas para presentear as irmãs, enfeitadas com fitas e babados. Era o tempo dos espartilhos, corpetes e muitas anáguas. Nas fotos dá pra ver que Teresa e suas irmãs cacheavam ou frisavam os cabelos, que eram lisos, para ficarem cacheados ou ondulados.

E, por falar em fotos, a máquina fotográfica foi uma grande novidade naquele tempo; era moda fazer pose de séria ou distante para as fotos, imitando o estilo romântico das pinturas francesas. Dá pra ver nas fotos de Teresa que ela ficava segurando o sorriso.

Teresa e suas irmãs andavam na moda, como as moças de sua época, mas com decência. Na história da Igreja, muitas garotas conseguiram ser lindas, descoladas... sem deixar de ser santas. Aliás, Teresinha já foi reconhecida como Santa pela nossa Igreja há muito tempo, todas suas irmãs estão em processo de beatificação e seus pais, Zélia e Louis, são beatos... Muito legal!

Paulina

Leônia

Quando Teresa se tornou uma "esposa de Jesus", fazendo seus primeiros votos como religiosa, como era do costume das Carmelitas, vestiu-se de noiva. Seu Pai, Louis Martin, fez questão de dar à filha o vestido de noiva mais bonito que encontrou. Como estavam no inverno (até nevou, Teresa gostava muito de neve), o vestido era de veludo branco ornado com plumas e renda de Alençon, o mesmo tipo de renda que sua mãe fazia... Para completar, foi coroada de lírios brancos sobre os longos cachos louros. Seu pai disse: "Ah! Eis minha pequena rainha!"

E Teresa trocou para sempre seus vestidos pelo querido e tão esperado hábito marrom das Carmelitas. Ficou mais linda ainda, por dentro e por fora.

Celina curtia muito o Tom, o cachorro de Teresa. Quando Celina também foi para o Carmelo, Tom foi com ela viver no convento.

Celina era artista, quase todas as pinturas que conhecemos de Santa Teresinha do Menino Jesus, inclusive aquela bem famosa dela debulhando rosas no crucifixo, é dela...

Celina contou que ficou cansada "até a morte" quando fez o quadro, pois teve pouco tempo. Usou a foto de Teresa como Joana d'Arc de modelo para o rosto, mas depois de pronto, achou que a irmã ficou com os olhos muito grandes e, tentando corrigir, acabou borrando e eles pareceram inchados. Celina chorou, olhou de perto, olhou de longe, fez o melhor que pôde. Por fim disse: "Deus abençoou os meus esforços e os defeitos do retrato ficaram escondidos". Estava tão nervosa, porque esse quadro foi encomendado para ser a imagem oficial de Santa Teresinha.

Teresa também era artista; pintou quadros, gravuras para um livro lindo de orações, fez a maquete de um castelo, decorou porta-retratos e outros objetos. Também escreveu poesias e peças de teatro.

Quando estava no convento, Teresa escreveu peças de teatro para divertir as irmãs nas festas e recreios da comunidade. A mais legal foi a história de Santa Joana d'Arc, na qual ela mesma foi a personagem principal. Como podemos ver nas fotos, Teresa interpretou Joana com uma peruca, já que seus cabelos loiros já haviam sido cortados, no dia em que recebeu seu hábito de freira. Até hoje podemos vê-los, lindos e longos, no museu do Carmelo.

Quando fez a roupa de Joana d'Arc para o teatro, Teresa se inspirou no quadro de Jean Auguste Dominique Ingres, que se chama "Joana d'Arc na coroação por Charles VII na Cathedral de Reims", pintado em 1854. Esse quadro está no museu do Louvre, em Paris.

O Papa Francisco e a rosa de Teresinha

Quando veio ao Brasil, perguntaram ao Papa Francisco o que ele trazia na sua pasta preta que carregava quando desceu do avião. Ele respondeu, brincando: "Meu barbeador, o breviário (livro de oração), a agenda e um livro de leitura; trouxe um sobre Santa Teresinha, a quem sou devoto".

É devoto mesmo!

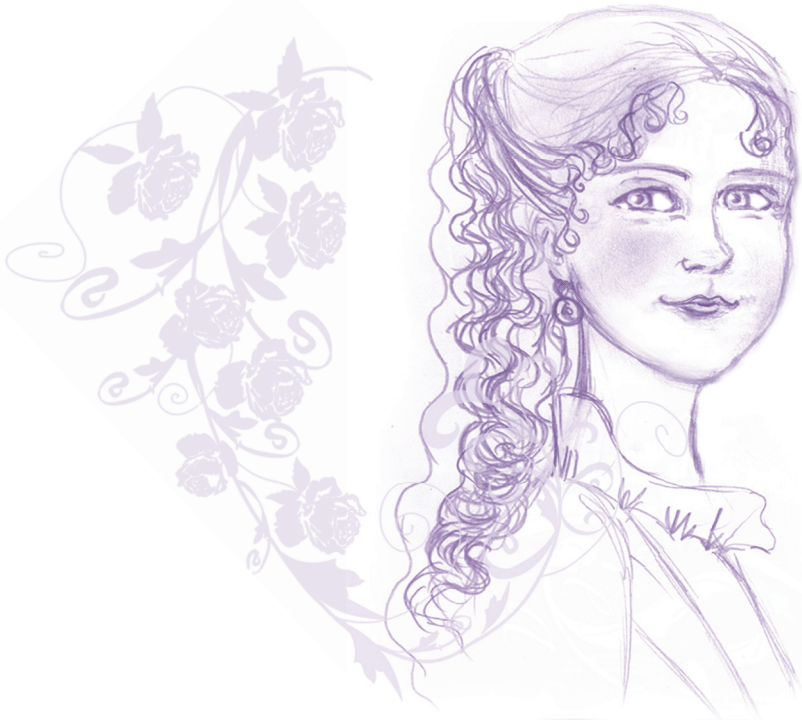
Durante a Vigília de oração pela paz na Síria, realizada na Praça São Pedro em 7 de setembro, foram lidos alguns trechos dos escritos de Santa Teresinha. No dia seguinte, domingo, o Papa Francisco recebeu de presente uma rosa branca; ficou muito contente, pois representava um sinal da intercessão de Santa Teresa. Ele contou para o Arcebispo de Ancona, Dom Edoardo Menichelli, e deixou que espalhasse a notícia.

Assim contou Dom Menichelli: "O Papa me disse que ficou surpreso quando, passeando nos Jardins Vaticanos no domingo, 8 de setembro, recebeu de um jardineiro uma linda rosa branca, recém-colhida. Uma flor que ele considera como um sinal, uma mensagem de Santa Teresinha, a quem havia se dirigido preocupado, no dia anterior, pedindo a intercessão".

E como o Papa Francisco soube que era uma resposta de Santa Teresinha?

Quando o Papa era ainda o Cardeal Jorge Mario Bergoglio, na Argentina, foi entrevistado por dois jornalistas, Sergio Rubin e Franzcesca Ambrogetti, que estavam escrevendo um livro sobre ele: *O Jesuíta.*

Eles contaram que viram um vaso cheio de rosas brancas em uma prateleira da biblioteca, junto a uma imagem de Santa Teresa. O Cardeal disse: "Quando tenho um problema, peço à Santa Teresinha, não para resolvê-lo, mas para pegá-lo na mão e ajudar-me a aceitá-lo, e como sinal, recebo quase sempre uma rosa branca".



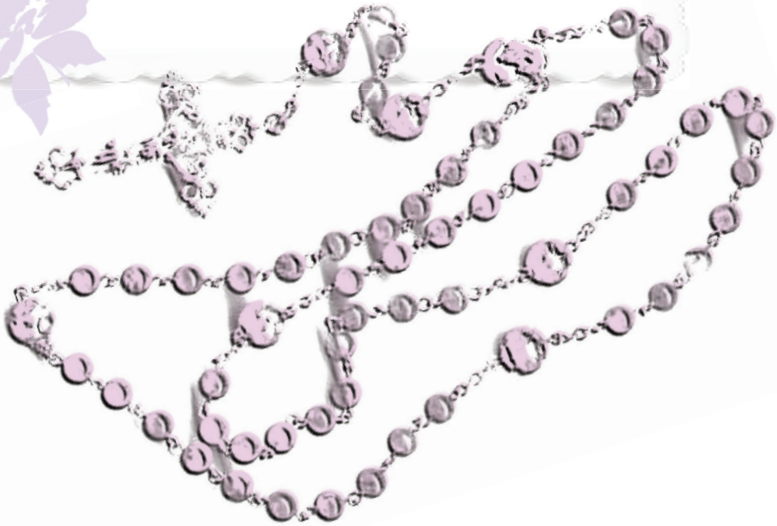
Eu e Santa Teresinha

Teresinha do Menino Jesus foi a primeira Santa que conheci; foi na Matriz de Santa Teresinha, em Guarapuava, no Paraná, onde fiz minha Primeira Comunhão e o Crisma. Lá, na capelinha do Santíssimo, eu gostava de olhar para a imagem daquela santinha sorridente, debulhando rosas no crucifixo, mas eu fiquei conhecendo mesmo a história dela aos 15 anos, quando minha mãe me presenteou com o livro *História de uma Alma*. Nem sei quantas vezes o li de tanto que gostei.

Passou um tempo, e eu já era adolescente, quando uma pessoa que amo muito não queria saber de confessar, isso me deixava triste, pois eu pensava que, se acontecesse de morrer com um estoque de pecados, fosse ficar um tempão no Purgatório. Comecei, então, a novena das rosas, foi a primeira vez que fiz; ganhei uma rosa e não deu outra, a pessoa procurou o Sacramento da Confissão (é que a gente quase sempre ganha uma rosa quando Teresinha nos alcança a graça de Jesus). Aí descobri que tenho essa amiga no Céu e pedi a ela que fosse a minha madrinha de vocação, pois eu também queria me consagrar a Deus como ela... . E vim parar na Canção Nova.

Em 1998, conheci Lisieux, a terra de Santa Teresinha. Até me escolheram para fazer a leitura na capelinha do Carmelo, mas eu estava tão emocionada, engolindo as lágrimas, que engasguei no meio. Até hoje somos amigas.

Orações e Devoções



Novena das Rosas

"Depois da minha morte, farei cair uma chuva de rosas, quero passar o meu Céu a fazer o bem na terra, pois não estão velando por nós os anjos? Não hei de ter repouso até o fim do mundo!"

Santa Teresinha do Menino Jesus

Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, eu Vos agradeço por todas as graças com que enriquecestes a vida de Vossa serva, Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, nestes 24 anos que passou na terra. E, pelos méritos de tão querida santinha, concedei-me a graça que ardentemente Vos peço ... (fale qual é), se for conforme a Vossa Santíssima vontade e para a salvação de minha alma (ou da alma da pessoa que estou rezando).

(Rezar 24 vezes, por cada ano de Santa Teresinha na terra)
"Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém. Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, rogai por nós! "

Ajudai minha fé e minha esperança, ó Santa Teresinha, cumprindo mais uma vez vossa promessa de que ficareis no Céu a fazer o bem sobre a terra, permitindo que eu ganhe uma rosa, sinal de que alcançarei a graça pedida. Amém.

É legal começar no dia 9 de cada mês, pois o mundo inteiro estará rezando junto com a gente. Quem fez a novena pela primeira vez foi o padre Antônio Puntigan, sj, de Viena, na Áustria, em dezembro de 1925.

Novena aos beatos Louis e Zélia Martin

O menino italiano, Pietro Schilirò, nasceu com seus pulmões tão danificados que não poderia continuar vivendo e respirava com a ajuda de aparelhos. Mas, um dia, o padre Sangalli, religioso Carmelita, sugeriu aos pais de Pietro que fizessem uma novena aos pais de Santa Teresinha, Zélia e Louis Martin. Toda a comunidade se uniu nessa novena. Milagrosamente, dia 24 de junho de 2002, Pietro saiu do hospital completamente curado. Esse foi o milagre que deu causa à beatificação de Zélia e Louis.

Ó Senhor, Deus de amor eterno, nos deixastes no bem aventurado casal, Louis e Zélia Martin, um exemplo de santidade no casamento. Eles mantiveram a fé e a esperança no meio dos deveres e dificuldades da vida. Eles educaram suas crianças para se tornarem santas. Que as suas oraçoes e exemplo possam apoiar as famílias na sua vida cristã e ajudar a todos nós a caminhar para a santidade.

Se for conforme a Sua vontade, concedei-nos a graça que agora peço (falar qual) por intercessão de Louis e Zélia Martin e os escreva no número dos santos de Sua Igreja. Através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Glória ao Pai, Ave Maria, Pai Nosso

(Oração Oficial da Causa de Canonização – Santuário de Lisieux)

Nossa Senhora do Sorriso

Santa Teresinha contou como foi curada (página 83), quando menina, pelo sorriso de Nossa Senhora. Ela escreveu: " Foi o sorriso encantador da Santíssima Virgem. Todas as minhas penas se foram naquele momento (...) Ah! pensei, a Santíssima Virgem sorriu para mim, estou feliz (...) Fora por causa dela, das suas intensas orações, do sorriso da Rainha dos Céus, que eu tivera a graça de ser curada."

(*História de uma alma*)

A esta imagem ela chamou de "Virgem do Sorriso" e a invocação começou com seus familiares. Depois, ela levou a devoção para o Carmelo de Lisieux. Finalmente, foi divulgada em todas as ordens carmelitas e se propagou pelo mundo. Muitas pessoas têm alcançado a cura da depressão, síndrome do pânico e outras doenças da alma, assim como Teresinha alcançou através dessa devoção. Santa Teresinha passou seus últimos dias na enfermaria, acompanhada dessa imagem que, hoje, se encontra na capela do Carmelo.

Oração a Nossa Senhora do Sorriso

Ó Maria, Mãe de Jesus e nossa, por um sorriso visível se dignou a confortar e curar sua filha privilegiada, Santa Teresinha do Menino Jesus, nós vos rogamos, venha nos confortar também nas dificuldades desta vida e dá-nos a saúde da alma e do corpo. Estamos firmes na esperança de que um dia, finalmente, desfrutaremos, para sempre no céu, do seu encantador sorriso. Ó Virgem do Sorriso, convertei os pecadores, curai os enfermos, e assistis os agonizantes. Amém. Santa Teresinha do Menino Jesus, rogai por nós.

Imprimatur – 200 dias de indulgencia, Cardeal Paul Émile Léger (1904-1991), Arq. de Montréal.

Bibliografia

Gaucher, Guy. *A paixão de Teresa Lisieux.* São Paulo: Loyola, 1977, p. 157.
Piat, Pe. Estéfane-Joseph. *História de uma família.* 2. ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1952, pp. 70-73;114-128; 223.
Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face. *História de uma alma escrita por ela própria.* Trad. Pe. Luís Maria Alves Correia, Sj. 10. ed. Porto: Apostolado da Impresa, 1979, pp. 25-115; 141.293; 295.
_____. *Obras Completas (Textos e Últimas Palavras), Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face.* São Paulo: Loyola, 1997.
Silveira, Caio. "Santa Teresinha, a desconhecida: centenário de um 'furacão de glória'". Disponível em: <http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=009A836D-3048-560B-1CDAAD14866C4422&mes=Setembro1997>. Acesso em: 07 ago. 2014.

Fotos e pinturas

De diversos e Visage de Thérése da Office Central De Lisieux.
Postais antigos de Lisieux (página 94):
. Vieilles Maisons – Place du Marché au Beurre
. Cathédrale St-Pierre
Collection dessinée dans les rues de Lisieux " par le Baron François Marie Joseph Tardif de Moidrey (1860-1947) Membre de la Société des Amis des Arts de Lisieux (1923). Acervo Bibliothèque Municipale de Lisieux.

Mais histórias para curtir

Tudo sobre Santa Teresinha do Menino Jesus
http://goo.gl/VVGMf

A história de sua mãe, Beata Zélia Martin
http://goo.gl/1C9TGI

A história de seu pai, Beato Louis Martin
http://goo.gl/9HNiy8

O Papa Francisco e a história de como Santa Teresinha sempre lhe envia uma rosa branca
http://goo.gl/otXWBj

Mais histórias da vida dos Santos, vídeos e desenhos para colorir...
http://blog.cancaonova.com/amigosdoceu

Cards (postais digitais) com frases dos Santos e desenhos da Adelita para compartilhar com os amigos
https://www.facebook.com/amigosdoceu

O Canal da autora, com todos os Programas Amigos do Céu que ela gravou para a TV Canção Nova...
http://www.youtube.com/adelitacn

Mais sites legais

Louis e Zelie Martin
http://www. louiszeliemartin-alencon. com

Santuário de Lisieux
http://www. therese-de-lisieux. catholique. fr

Arquivos do Carmelo de Lisieux
http://www. archives-carmel-lisieux. fr/

Carta Apostólica João Paulo II- Santa Teresinha, Doutora da Igreja
http://goo. gl/IZ2D9u

Audiência Bento XVI - Santa Teresa de Lisieux
http://goo. gl/upaBD2